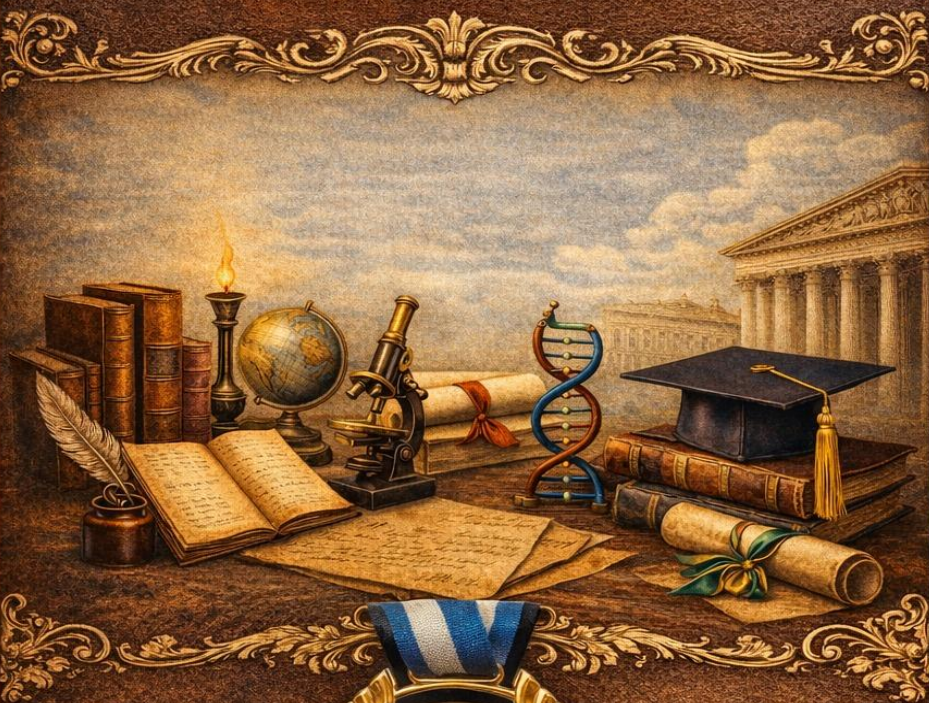


DISCURSOS HONORIS CAUSA

— FEBACLA - 2026 —



ALEXANDRE RURIKOVICH CARVALHO

JADSON PORTO

**ALEXANDRE RURIKOVICH CARVALHO
JADSON PORTO**

**DISCURSOS HONORIS CAUSA
FEBACLA - 2026**



Maringá
2026



© Copyright © 2026 - Alexandre Rurikovich Carvalho; Jadson Porto - Todos os direitos reservados

Capa: Alexandre Rurikovich Carvalho



Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências, Letras e Artes – Febacla.

Presidente: Dr. h. c. mult. Alexandre da Silva Camêlo Rurikovich Carvalho

Vice-presidente: Dr. h. c. Rogério Veiga Junior

Secretário Geral: Dr. h. c. Oséas da Silva Costa

Diretor financeiro: Paulo Edson Reis

Diretor Cultural: Dr. h. c. Marcos Vinicius Macedo Varella

Diretor de Cerimonial: Dr. h. c. mult. Sergio Diniz da Costa

Diretor de Comunicação Social: Dr. h. c. Celso Ricardo de Almeida

Assessora da presidência da Febacla: Dr^a. h. c. mult. Claudia Lundgren Rurikovich Carvalho.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
D611	Discursos Honoris Causa FEBACLA – 2026 [livro eletrônico] / Organizadores Alexandre Rurikovich Carvalho, Jadson Porto. – 1. ed. – Maringá, PR: Uniedusul, 2026. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-65-5418-085-6 1. Direito – Honoris causa. 2. Discursos acadêmicos. I. Carvalho, Alexandre Rurikovich. II. Porto, Jadson. CDD 340
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

DOI: 10.51324/54180856

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS - A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei no 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do código penal.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO, EXALTAÇÃO À HONRA	6
Sérgio Diniz	
PRÓLOGO	8
María Alejandra Rodríguez García	
PREFÁCIO	10
Sânzia Fernandez	
INTRODUÇÃO	14
A INSTITUIÇÃO DO TÍTULO DE <i>DOCTOR HONORIS CAUSA</i> NA FEBACLA: ORIGEM, FUNDAMENTAÇÃO E PRIMEIRA OUTORGA	19
Alexandre da S. C. Rurikovich Carvalho	
NAS DIVERSAS ROTAS DA CAMINHADA, A HONRA SEMPRE NOS GUIA	23
Marcos Vinícius Macedo Varela	
QUANDO <i>HONORIS CAUSA</i> CHEGOU, A HONRA SE TORNOU MAIOR!	25
Anita Zippin	
QUANDO UM <i>HONORIS CAUSA</i> É UM ESFORÇO COLETIVO	27
Valdenira Ferreira dos Santos	
ENTRE A TEORIA E A FLORESTA: UMA JORNADA DE CIÊNCIA, COMPROMISSO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL	33
Eliane Superti	

HOMENAGEM PÓSTUMA A RAULLYAN 40
BORJA LIMA E SILVA

Rauliette Diana Lima e Silva

“NA CAVERNA NADA SE LEVA, A NÃO SER 44
LEMBRANÇAS...”, MAS O QUE APRENDEMOS...

José Ayrton Labegalini

A HONRA E O CORAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE 50
O TÍTULO DOUTOR HONORIS CAUSA

Rogério Olavo Cunha Leite

DISCURSO DE RECEBIMENTO DO TÍTULO 69
DE DOUTOR HONORIS CAUSA EM
HISTÓRIA IMPERIAL BRASILEIRA

Carlos Augusto Furtado Moreira

PARA SE PENSAR UMA TRAJETÓRIA 74
HONORIS CAUSA

Jadson Porto

DOUTOR HONORIS CAUSA PARA AS 80
FRONTEIRAS INDÍGENAS NA AMAZÔNIA
BRASILEIRA

Edson Damas da Silveira

SOBRE OS AUTORES 85

APRESENTAÇÃO

EXALTAÇÃO À HONRA!

Dr. h. c. mult. Sérgio Diniz

Honra! Quão retumbante e sonora é esta palavra! Tão magnífica, que o Supremo Criador a elegeu no decálogo divino: *Honra a teu pai e a tua mãe!*

Honra, vocábulo tão excelso, que o poeta, romancista e dramaturgo francês Alfred de Vigny definiu como a *poesia do dever!*

Honra, feita uma flor em botão, abrindo-se em pétalas de respeito e admiração; dignidade e autoestima; gratidão e valorização e responsabilidade e dever.

Foi com esta essência que a Federação Brasileira dos Acadêmicos, Ciências e Letras - Febacla, entidade essencialmente medalhística, e o Centro Sarmathiano de Altos Estudos Filosóficos e Históricos, hasteando a bandeira do reconhecimento e a valorização de personalidades que dedicavam a vida em prol das ciências, letras e artes, instituíram, nos idos de 2015, a outorga inédita, dentre os demais títulos honoríficos, o de *Doutor Honoris Causa*, fundamentando a concessão no notório mérito e contribuição à sociedade.

A semente da iniciativa mostrou-se uma Semente de Luz, germinando, crescendo e alcançando aqueles que, muitas vezes, empregavam seus conhecimentos, talentos e doação social sem o lastro do reconhecimento e valorização.

Os ponteiros do tempo assinalaram uma década. Uma década de visibilidade institucional de seres humanos paradigmas, gerando, como retorno natural, manifestações de gratidão, pelo respeito demonstrado, elevação da autoestima, e, sobretudo, o sentimento de ter *combatido o bom combate*, de ter perseverado no aprimoramento intelectual e moral, e sustentar, mais ainda, o lábaro da responsabilidade e dever!

Uma década depois, os homenageados não tendo, até então, condições de expressar a alma nas solenidades de outorgas

de honorarias, pela exiguidade do tempo, imperativo se fazia um canal para o transbordamento das emoções acumuladas.

Discursos Honoris Causa - Febacla 2026, antologia organizada por Alexandre Rurikovich Carvalho, presidente da Febacla, e Jadson Porto, ambos *Drx. h. c. mult.*, é obra inédita sobre o assunto. Portanto, caro leitor, é esse canal, pelo qual, como afirmam esses organizadores mais à frente, *os homenageados compartilham trajetórias de vida, fundamentos teóricos, perspectivas epistemológicas e compromissos éticos que revelam a centralidade do conhecimento na construção de projetos coletivos de nação.*

O livro, prezado leitor, está em suas mãos. E é um *caldeirão de emoções*. Leia-o, e também se emocione, como um companheiro de homens e mulheres que estão deixando Pegadas de Luz nas estradas da vida!

Sorocaba (SP), fevereiro de 2026.

Dr.^a. Dr.^a. h. c. mult. María Alejandra Rodríguez García

Escribir el prólogo de una obra que reúne a personalidades distinguidas con el *Doctorado Honoris Causa* constituye, para mí, un honor profundamente significativo y, al mismo tiempo, una responsabilidad académica e institucional de gran envergadura. No solo por el valor simbólico que encierra esta distinción, sino por lo que representa en términos de legado, excelencia y compromiso con la sociedad.

Deseo comenzar expresando mi más sincero agradecimiento al Dr. Dr. h. c. Jadson Porto y al Dr. h. c. Alexandre Rurikovich Carvalho por invitarme a escribir el prólogo de este libro. Recibo esta invitación con gratitud y profundo respeto, considerando la relevancia académica y humana de quienes forman parte de esta obra. Su confianza al encomendarme estas palabras representa para mí un alto honor y un gesto que valoro especialmente.

He tenido el privilegio de recibir el *Doctorado Honoris Causa* y, además, cuento con un doctorado académico, lo que me permite comprender esta distinción desde una doble perspectiva: la del rigor científico y la del reconocimiento honorífico a trayectorias de impacto extraordinario. Actualmente me encuentro en el camino hacia mi tercer *Doctorado Honoris Causa*, una realidad que asumo no como un logro personal aislado, sino como una responsabilidad renovada de liderazgo ético, académico y social.

Desde mi posición como Rectora de Northern International University Spain y Presidenta del Consejo de *Doctorados Honoris Causa* de Northern International University, he podido constatar que esta distinción trasciende lo ceremonial. No se trata únicamente de un título honorífico; es la validación de una vida de contribución, innovación y servicio a la humanidad.

Las páginas de este libro reúnen voces que representan excelencia en distintos ámbitos: educación, empresa, ciencia,

cultura, acción social y liderazgo institucional. Cada testimonio aquí recogido evidencia que el verdadero reconocimiento no se construye en la notoriedad, sino en el impacto sostenido y en la coherencia entre propósito y acción.

Ser *Doctor Honoris Causa* implica convertirse en embajador del conocimiento y de los valores universales que sostienen la academia: la búsqueda de la verdad, el pensamiento crítico, la responsabilidad social y la promoción del progreso humano. Quienes conformamos esta comunidad compartimos la convicción de que el saber debe estar al servicio de la sociedad y que el liderazgo auténtico se mide por la huella positiva que dejamos en los demás.

Este libro no solo recoge trayectorias; recoge legados vivos. Es una obra que inspira, que honra el mérito y que reafirma el papel transformador de la educación superior en el mundo contemporáneo.

Como autora de este prólogo, como doctora académica, *Doctora Honoris Causa* y como responsable institucional en la promoción de esta distinción, me siento profundamente orgullosa de formar parte de esta comunidad de excelencia.

Confío en que cada página inspire, motive a nuevas generaciones a comprender que la excelencia es consecuencia de la visión, la disciplina y la vocación de servicio recuerde que el verdadero reconocimiento no reside en el título recibido, sino en la huella que dejamos en el mundo.

Que esta obra sea, por tanto, un testimonio perdurable del impacto de quienes han hecho de su vida una contribución trascendente, un homenaje a la trayectoria, al mérito y a la contribución de todos los *Doctores Honoris Causa* que lo integran, y un faro de inspiración para quienes continúan trabajando por un futuro más justo, más culto y más humano.

Málaga, Espanha, Março de 2026.

PREFÁCIO

Prof^a. Dr^a. h. c. mult. Sânzia Fernandez

É com ecos de gratidão e honra que aceito o convite do caríssimo Príncipe Dom Alexandre Rurikovich Carvalho, *Prof. Dr. S. C. h. c. mult.* Presidente da Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências - Febacla, e também Diretor Geral do Centro Sarmathiano de Altos Estudos Filosóficos e Históricos, para escrever o prefácio desta gigante obra. Tenho a plena ciência da responsabilidade desta tarefa. E, conseqüentemente, tenho a extraordinária oportunidade de expressar minha estima, consideração, respeito e carinho, a esta pessoa excepcional, visionária, liderança nacional e internacional presente e ativa na valorização da memória, da história, da cultura e dos valores éticos, cívicos e morais que sustentam a prática do fazer educação, literatura e artes no Brasil. Defensor perpétuo e guardião atento as questões da educação, das Letras, das Ciências, das Artes.

Dom Alexandre mantém- se ativo no acompanhamento dos fatos da sociedade brasileira, em todos os momentos das manifestações culturais, tem ele, um texto literário, um artigo no jornal, uma palavra de reflexão, uma contribuição para nos oferecer. Filósofo e Historiador de formação, Dom Alexandre apresenta contribuições magníficas que contribuem, de forma basilar com os pilares mundiais da Organização das Nações Unidas (ONU) e Organização das Nações para a Educação, a Ciência e a Cultura(Unesco). Aprender a ser, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a aprender, a ser mais humanos.

Assim, cada contribuição vinda de Dom Alexandre é um aprendizado de formação humanística e profunda, capaz de modificar e dividir águas. Assim é a publicação desta obra: **Discursos Honoris Causa Febacla - 2026**, concebido e organizado por Dom Alexandre e Jadson Porto, cujo lançamento previsto como parte das comemorações do aniversário da Imperatriz Teresa Cristina e dos 10 anos de outorgas de Doutor Honoris Causa pela Febacla.

Esta honrosa missão também é, em agradecimento especial, ao prefácio que Dom Alexandre escreveu no meu livro: *Escritos Pedagógico: Inclusão e Diversidade. Aspectos históricos e Leis* (2023). Fui agraciada com suas palavras. Obrigada Dom Alexandre, espero atender a altura, o seu nobre chamado literário.

O valor universal literário é grandioso quando a obra condensa princípios da cultura e reflete o modo de viver de um povo. Quanto de valor humano existe nesta obra? Breves comentários filosóficos me obrigam a perguntar, em lugar de esclarecer: se, a vida, o fazer acadêmico e o fazer literário, de cada nome, que compõe este livro vale quanto? Qual o peso ou o valor universal de 30, 40 ou 50 anos de trabalhos e experiências profissionais que esse livro carrega? Esse valor é mensurável? O valor literário universal desta obra é imensurável. Refleti, estudei, perguntei sobre cada nome.

Ainda estou em reflexão silenciosa. Sei apenas que, são eles gigantes profissionais que se destacaram, por dedicação e comprometimento com o saber, com a humanidade e com a *poiesis*¹, com a qual, cada um exerce a profissão. Em alguns casos, postumamente reconhecidos. Caso específico aqui, grifo nosso. E, por isso, peço permissão para citar um nome de quem não está nesta obra. A exemplificar: O título de *Doutor Honoris Causa* - póstumo, foi entregue em 10 de dezembro de 2021, em

¹ *Poiesis* (ποίησις) é uma palavra grega que significa "criação" ou "produção". É um termo filosófico que se refere ao processo de criar ou produzir algo, especialmente algo artístico ou criativo, é derivada do verbo grego *poiein* (ποιεῖν), que significa "fazer" ou "criar". Em filosofia, conceito importante na filosofia de Aristóteles, que a define como a capacidade de criar algo novo e original. Também é um conceito central na teoria da arte e na estética, onde se refere ao processo criativo do artista. Em português, a palavra *poiesis* é frequentemente traduzida como "criação" ou "poesia", mas seu significado é mais amplo e abrange todo tipo de criação artística ou produtiva

cerimônia na Universidade Federal do Amapá (Unifap), ao senhor Raimundo dos Santos Souza - Mestre Sacaca, líder comunitário e especialista em ervas medicinais. O trabalho e a contribuição do Mestre Sacaca, sobre a fauna e a flora, para o Amapá, são reconhecidos no mundo inteiro. O livro dos gigantes da obra: **Discursos Honoris Causa - Febacla 2026**, também inclui, merecidamente, a homenagem póstuma, para Raullyan Borja Lima e Silva, esse reconhecimento ao confrade, juntamente com a Comenda Mérito Científico Galileu Galilei e Moção de Honra e Mérito Febacla, assinado por Rauliette Diana Lima e Silva.

O princípio geral que rege a entrega do título é o significado acadêmico, humanitário e os valores culturais, destinados ao tamanho da contribuição que a personalidade profissional desempenhou na sua trajetória. O reconhecimento de personalidades cuja trajetória intelectual, científica ou humanística se revele de notório mérito e contribuição à sociedade. São valores e méritos que não comportam circunstâncias que suscitam questionamentos ou discurso sobre o mérito, ao trabalho, a experiência e a vida de legado que estas personalidades deixaram no nosso meio.

Não existe no ordenamento jurídico uma competência institucional ou no dicionário da língua portuguesa, não existe uma palavra, que desmereça os valores desses dois nomes gigantes de doutores *honoris causa*, citados aqui. Parabéns ao Dom Alexandre a Jadson Porto por esse caráter inédito de incluir Raullyan. Parabéns, Sacaca e Raullyan, parabéns pelo título de doutores, foram pessoas magníficas e de quilates preciosos.

Ainda sobre a obra de gigantes, escrevo pouco, por conhecer pouco tantos nomes de peso e valor de *Doutor Honoris Causa* - Febacla, mas, registro o desejo de um dedo de prosa com cada um. Deve ser uma mágica transformativa, de um simples café se transformar em uma aula brilhante de vida e de saberes. O que me conta a leitura das cavernas? José Ayrton Labegalini nos conta. Ou as experiências de vida profissional de quem dirige

uma universidade americana na Europa. Quais foram os desafios? Quanta riqueza tem essas experiências? Não se pode mensurar, estou convencida de que o título *honoris causa* é o máximo na conquista de prêmio de reconhecimento profissional. Como escreveu Valdenira dos Santos, o título é uma conquista coletiva. Todos os nomes apresentados aqui possuem uma história de vida, de saberes, de profissional com excelência e merecedores desta homenagem.

Esta obra gigante é o um marco de grande valor humano, histórico e cultural. É um testemunho de impacto pelo caráter inédito. Uma outra homenagem da ordem de *Doutor honoris causa multiplex* (*Dr. h. c. mult*), quando em vários casos, pessoas que possuem mais de um título de reconhecimento. Essa primeira edição deve orientar e inspirar outras vidas, é um tributo a todos excelentes e magníficos profissionais. Vamos aguardar a segunda edição e conhecer outros nomes merecedores desta grande honra.

Por fim, faço alusão a foto mais inteligente o que existe, com os nomes de vários prêmios Nobel pela valorosa contribuição ao conhecimento humano e a ciência. A obra **Discursos Honoris Causa - Febacla 2026**, é na mesma proporção um painel de nomes de grande honra que contribuem com base de valores e influenciam vidas. A frase: "Se eu vi mais longe, foi porque estava sobre os ombros de gigantes" é atribuída a Newton, que a escreveu em uma carta a Robert Hooke em 1676. Essa metáfora expressa a obra porque os nomes dos doutores *honoris causa* foram apresentados pela excelência do trabalho e contribuições que cada um deixou como marca na vida profissional.

Este livro é de gigantes.

Parabéns a todos. E, em especial, parabéns aos organizadores Dom Alexandre Rurikovich Carvalho e Jadson Porto, por nos brindar com essa gigante e inspiradora obra.

Macapá, março de 2026.

INTRODUÇÃO

O livro **Discursos Honoris Causa - Febacla 2026** reúne os pronunciamentos de personalidades agraciadas com o título de *Doutor Honoris Causa* nas áreas de **Ciências da Natureza, Ciências Jurídicas, História Imperial Brasileira, Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural e Geografia**. Este é o primeiro livro organizado no Brasil, que apresenta como conceito de construção literária a titulação honorífica *Honoris Causa* e composto por outorgados com o título.

Durante os *brainstorms* propositivos, percebeu-se que, em 2025, este silogeu havia completado um decênio de outorga do título de *Doutor Honoris Causa* pela Febacla (2015-2025). Percebendo-se, com isso, a maturidade que o silogeu havia alcançado nas indicações, nas avaliações e nas outorgas

Cada discurso exposto pelos outorgados ao receberem o seus respectivos títulos, constitui um registro singular de pensamento, experiência e reflexão, oferecendo uma visão plural acerca dos desafios científicos, sociais, políticos e culturais do mundo contemporâneo; a emoção do reconhecimento de uma construção profissional e; o conhecimento de uma personalidade que, “por conta da honra”, é apresentado à sociedade em sua expertise.

Contudo, não se registravam os discursos escritos, pois no evento das outorgas havia um breve momento de suas expressões. Os textos expostos nesta obra ultrapassam o caráter protocolar próprio das solenidades acadêmicas, configurando-se como importantes documentos históricos e intelectuais. Neles, os homenageados compartilham trajetórias de vida, fundamentos teóricos, perspectivas epistemológicas e compromissos éticos que revelam a centralidade do conhecimento na construção de projetos coletivos de nação.

Desde 2015 a Febacla vem agraciando personalidades com o título de *Doutor Honoris Causa*. Naquele momento, não havia a concessão de medalhas, mas sim, com o título em papel. A partir de 2019, passou a conceder, também, o acompanhamento com

medalha (Figura 1). Esses são os modelos de medalhas Doutor Honoris Causa Febacla (2019-2025).

Figura 1 - Medalhas Doutor Honoris Causa Febacla



Fonte: Febacla.

A variedade de modelos de medalhas acima expostas deu-se por conta do momento histórico passado no Brasil. O primeiro modelo (2019) foi quando efetivamente a entrega medalhística fez parte da história da instituição. Em 2020, com a pandemia do Covid 19, muitas empresas foram à falência e aquelas que permaneceram em atividades, não possuíam o modelo adotado pela Febacla, mas outros.

Uma observação de destaque deve ser feita sobre a medalha de 2025, posicionada no meio, inferior da figura acima. Ela se refere ao momento histórico do Bicentenário de D. Pedro II, patrono desse silogeu. Ou seja, além do reconhecimento inerente ao próprio título, é especial pelo seu referencial histórico.

Este livro visa apresentar os discursos das personalidades que foram indicadas e agraciadas ao título de *Doutor Honoris Causa* pela Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências, Letras e Artes (Febacla)/Centro Samaritano de Altos Estudos Filosóficos e Históricos (CSAEFH) em janeiro de 2026.

O título de *Doutor Honoris Causa*, cujo critério adotado pelo Edital 1017.023/2025 – Febacla/CSAEFH, constitui uma das mais altas honorarias que um indivíduo pode receber. É uma **distinção honorífica** concedida a pessoas físicas, nacionais ou estrangeiras, que, mesmo não possuindo curso universitário, tenham contribuído de forma significativa para o avanço das artes, das ciências, das letras, da cultura, da educação, da filosofia, da política, da defesa dos direitos humanos ou da promoção da paz. A expressão *Honoris Causa* é uma locução latina que significa “*por causa de honra*”.

Salienta, também este edital que, este título não gera histórico escolar e consiste exclusivamente na concessão de certificado e medalha, simbolizando o reconhecimento institucional por realizações excepcionais e contribuições significativas à sociedade.

Sua identidade abreviada é **Dr. h. c.** ou **Dr^a. h. c.** (para o caso feminino), para aquele(a)s que não possuem o título de doutorado universitário. Para aqueles que são reconhecidos academicamente com o título de Doutor, serão assim identificados: **Dr. Dr. h. c.** ou **Dr^a. Dr^a. h. c.** Para aqueles agraciados mais de uma vez, assina **Dr. h. c. mult.** (*Doutor Honoris Causa Multiplex*).

A presente obra assume, portanto, função estratégica no campo da memória acadêmica e cultural brasileira. Ao reunir esses discursos, contribui-se para a preservação do patrimônio intelectual contemporâneo, fortalecendo a identidade institucional da Febacla e do CSAEFH e ampliando o acesso público a reflexões que dialogam diretamente com os desafios do século XXI. As indicações aqui apresentadas foram

submetidas a partir das orientações expostas no Edital Doutor Honoris Causa Febacla/CSAEFH.

Além de seu valor documental, este livro constitui relevante instrumento pedagógico, capaz de inspirar pesquisadores, estudantes e profissionais das mais diversas áreas, ao evidenciar que a produção do conhecimento está indissociavelmente ligada à ética, à responsabilidade social e ao compromisso com a transformação da realidade.

Esta obra é composta pelas seguintes seções:

A primeira expõe o artigo do Presidente da Febacla, *Prof. Dr. h. c. mult.* Alexandre da Silva Camêlo Rurikovich Carvalho, sob o título de **A instituição do Título de *Doutor Honoris Causa* na Febacla: origem, fundamentação e primeira outorga.**

A segunda expõe o discurso da primeira personalidade a receber o título de *Doutor Honoris Causa* pela Febacla, em 2015, o *Prof. Dr. Dr. h. c. mult. em Teologia* Marcos Vinícius Macedo Varella, com o título **Nas diversas rotas da caminhada, a honra sempre nos guia.**

A terceira, apresenta o discurso da *Dr^a. h. c. Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural* Anita Zippin, sob o título **Quando *Honoris Causa* chegou, a honra se tornou maior!**

A quarta, é o discurso da *Prof. Dr^a. Dr^a. h. c. em Ciências da Natureza* Valdenira Ferreira dos Santos, intitulado **Quando um *Honoris Causa* é um esforço coletivo.**

A quinta, é o discurso da *Prof. Dr^a. Dr^a. h. c. em Ciências Sociais* Eliane Superti, intitulado **Entre a teoria e a floresta: uma jornada de ciência, compromisso e transformação social**

A sexta, é o discurso *in memoriam* ao *Prof. Dr. Dr. h. c. em Ciências da Natureza* Raullyan Borja Lima e Silva. Este discurso foi elaborado por sua irmã Raulliete Diana Lima e Silva.

A sétima, é o discurso de *Prof. Dr. h. c. em Ciências da Natureza* José Ayrton Labegalini, intitulado **“Na caverna nada se leva, a não ser lembranças...”**, mas o que aprendemos...

A oitava, é o discurso do *Dr. h. c. em História Imperial Brasileira* Rogério Olavo Cunha Leite, sob o título **A honra e o coração: Reflexões sobre o Título *Doutor Honoris Causa***.

A nona, é o discurso do *Prof. Dr. h. c. mult.* Carlos Augusto Furtado Moreira, sob o título **Discurso de recebimento do Título de *Doutor Honoris Causa* em história imperial brasileira.**

A décima, expõe o discurso do *Dr. Dr. h. c. em Geografia* Jadson Porto, intitulado **Para se pensar uma trajetória *Honoris Causa*.**

A décima primeira, é o discurso do *Prof. Dr. Dr. h. c. em Ciências Jurídicas* Edson Damas, intitulado ***Doutor Honoris Causa* para as fronteiras indígenas na Amazônia Brasileira**

Prof. Dr. h. c. mult. Alexandre da Silva Camêlo Rurikovich Carvalho

Prof. Dr. Dr. h. c. mult. Jadson Porto

Teresópolis (RJ), fevereiro de 2026.

A INSTITUIÇÃO DO TÍTULAR DE DOUTOR HONORIS CAUSA DA FEBACLA: ORIGEM, FUNDAMENTAÇÃO E PRIMEIRA OUTORGA

Prof. Dr. h. c. mult. Alexandre da S. C. Rurikovich Carvalho

A instituição do Título de *Doutor Honoris Causa* no âmbito da Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências, Letras e Artes - Febacla, e do Centro Sarmathiano de Altos Estudos Filosóficos e Históricos, constituiu ato de relevante significado institucional, acadêmico e cultural, destinado ao reconhecimento de personalidades cuja trajetória intelectual, científica ou humanística se revele de notório mérito e contribuição à sociedade.

A primeira outorga do referido título ocorreu em 11 de dezembro de 2015, durante solenidade oficial realizada nas dependências da Ordem dos Advogados do Brasil - Seção Niterói, evento revestido de formalidade, publicidade e simbolismo institucional, compatíveis com a natureza da honraria concedida.

Naquela ocasião inaugural, foi agraciado uma importante personalidade de reconhecida relevância acadêmica. O Prof. Marcos Vinicius Macedo Varella foi o primeiro homenageado, tendo-lhe sido conferido o Título de *Doutor Honoris Causa* em Teologia, em razão de suas contribuições intelectuais e acadêmicas.

A decisão de instituir e proceder à outorga do Título de *Doutor Honoris Causa* foi precedida de procedimento formal de consulta, análise e pesquisa jurídica e acadêmica, com vistas à aferição da natureza jurídica da honraria, de sua legitimidade institucional e da existência de eventual regulamentação normativa aplicável no âmbito do ordenamento educacional brasileiro.

À época, eu já possuía 12 títulos de *Doutor Honoris Causa* e a Febacla, com quase 10 anos de existência, já se apresentava como uma instituição estimuladora da cultura, ciências e artes brasileira, com 80 integrantes no cenário nacional. Destes, 16 possuíam tal honroso título. Assim, a partir de uma reunião com a diretoria do silogeu, decidiu-se avançar nos estímulos acima citados em uma nova fase: o reconhecimento de personalidades atuantes da cultura, ciências e artes brasileira. Em 2016 não houve abertura para indicações. Após 2017, todos aqueles que pleiteavam a titularidade passaram a se adequar às diretrizes de editais à honraria.

Dentre os vários modelos de reconhecimentos já existentes na Febacla (Comendas, medalhas, moções de honra ao mérito), resgatou-se as experiências dos seus integrantes como *Honoris Causa* e, a partir desta capacidade instalada, deu-se início a este tipo de reconhecimento pela Febacla.

Nesse contexto, em 2014, eu, Alexandre Rurikovich Carvalho, na qualidade de Presidente da Febacla e Diretor do Centro Sarmathiano de Altos Estudos Filosóficos e Histórico, estive pessoalmente no Ministério da Educação, acompanhado do Dr. Roberto Guimarães, com a finalidade específica de averiguar a existência de resolução, portaria ou outro ato administrativo que disciplinasse a concessão do Título de *Doutor Honoris Causa*, especialmente por instituições não universitárias.

Na referida oportunidade, foi informado por servidor do próprio Ministério que não havia, à época, qualquer resolução ou portaria federal que regulamentasse a outorga do Título, sendo tal concessão compreendida como prerrogativa das universidades e de instituições culturais, acadêmicas e científicas, no exercício de sua autonomia institucional e conforme seus respectivos estatutos e regimentos internos.

Tal diligência mostrou-se necessária diante do fato de que diversas instituições culturais já procediam à outorga dessa titulação honorífica, circunstância que suscitava questionamentos quanto à legalidade, à competência institucional e aos

limites jurídicos de sua concessão. A partir das informações obtidas e da análise realizada, a diretoria da Febacla entendeu existir pleno respaldo institucional, jurídico e histórico para a instituição e concessão do referido Título, desde que observados critérios objetivos de mérito, relevância intelectual e contribuição à sociedade.

Em dezembro de 2025, ao completar-se dez anos da primeira outorga do Título de *Doutor Honoris Causa*, a Febacla e o Centro Sarmathiano reconheceram a consolidação dessa iniciativa como prática institucional legítima, contínua e alinhada aos princípios da valorização do conhecimento, da cultura e da excelência acadêmica. Em comemoração a esta data, escrevi um texto publicado no Jornal Cultural ROL intitulado *Título Doutor Honoris Causa como reconhecimento institucional e cultural* (vide em: <https://jornalrol.com.br/?p=78349>), visando analisar esta titularidade enquanto instrumento de reconhecimento institucional e cultural, examinando suas origens históricas, fundamentos teóricos, natureza jurídica, distinções em relação aos graus acadêmicos formais e seu papel simbólico na construção da identidade institucional e da memória intelectual.

A concessão deste título na Febacla é realizado mediante três etapas: 1) Deve-se seguir os cumprimentos indicados em edital do silogeu; 2) É efetuada por indicação, onde quem indica expõe os motivos pelos quais o pleiteante é merecedor da outorga deste importante título honorífico e; 3) O pleito é analisado por um comitê avaliador. Cumpridas essas etapas, se os resultados forem positivos, a outorga é efetuada.

A memória da outorga inaugural de 11 de dezembro de 2015 permanece, assim, como marco fundador de uma tradição honorífica, reafirmando o compromisso institucional com a preservação histórica, a segurança jurídica e o reconhecimento de personalidades que, por sua trajetória intelectual e ética, contribuem de forma significativa para o engrandecimento da sociedade brasileira.

A maturidade adquirida pela Febacla nesses 10 anos (2015-2025) de criteriosos requisitos em seus variados modelos de reconhecimento profissional, cultural e acadêmico, permitiu que esta instituição tenha se destacado em diversos estados brasileiros como estimuladora sobre o pensar e o construir aquilo que se encontra em seu nome institucional: Academia, Ciências, Letras e Artes.

Teresópolis (RJ), fevereiro de 2026.

NAS DIVERSAS ROTAS DA CAMINHADA, A HONRA SEMPRE NOS GUIA

Dr. Dr. h. c. mult. Marcos Vinícius Macedo Varella

Os leitores desta obra-prima para nossa literatura são estimulados a conhecerem um tema pouco exposto no Brasil: o que é ser indicado a receber o título de *Doutor Honoris Causa*. Dentre as diversas maneiras de suas indicações, a experiência que tive passou pelos exercícios na compreensão sobre alguns ramos das Ciências Humanas; bem como traz consigo uma forte reflexão sobre nossa cultura em relação às instituições culturais e a verdadeira nobiliarquia brasileira. E é com grande entusiasmo que tento resgatar o valor de ser um único arquiduque dessa casa que tanto amo.

Cabe a nós revermos o período imperial brasileiro e como foi sábio o nosso imperador, um homem invejável na sua sabedoria. E que fui nomeado como presidente do Conselho Deliberativo da Irmandade de São Vicente de Paulo, no qual estou presidindo por mais de 20 anos, sempre à disposição da Casa Real dos Bragança. Mesmo tendo conseguido muitas titulações, agradeço ao meu amado irmão o Príncipe Alexandre Rurikovich Carvalho pelo primeiro Título *Doutor Honoris Causa* em Teologia pela Febacla.

Tenho muito orgulho de minha caminhada pelos caminhos da História, Antropologia, Filosofia e Sociologia. Foram esses passos que me levaram a ser indicado para receber a Medalha Tiradentes, a maior premiação do Estado do Rio de Janeiro, junto ao título de Cidadão Honorário do Estado do Rio de Janeiro, devido a minha contribuição literária com 24 livros publicados.

O caminhar foi muito difícil, mas valoroso é o homem que acredita na sua humanidade e está atrelada a sua cultura. A

figura honrada de nosso querido príncipe é sem dúvida de valor ímpar.

Agradeço imensamente à Febacla! Pois assim consegui prosseguir com mais de 10 títulos de *Doutor Honoris Causa* e a gratidão é eterna, uma vez que muitos prêmios foram incluídos nessa caminhada, como o da Academia Francesa de Belas Artes e muitas medalhas e condecorações.

Hoje, ainda nos meus caminhos e sonhos, fui indicado a Medalha Vital Brasil que será entregue na sala dos Barões, na Irmandade de São Vicente de Paulo .

Niterói (RJ), fevereiro de 2026.

QUANDO HONORIS CAUSA CHEGOU, A HONRA SE TORNOU MAIOR!

Dr^a. h. c. Anita Zippin

Venho, neste lindo momento, ser agraciada com o título *Doutora Honoris Causa* do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural, outorgado pelo Centro Samaritano de Altos Estudos Filosóficos e Históricos.

Devo agradecer ao Dom Alexandre Rurikovich Carvalho, Presidente da Febacla, e, em especial ao meu colega de Academia de Letras José de Alencar (ALJA), a qual eu sou a presidente no Paraná, professor Jadson Porto, que nos indicou e fomos aceita por unanimidade.

Devo dizer que é uma honra para a minha Academia, entidade cultural fundada em 4 de outubro de 1939. E presidindo com grandes escritores, grandes poetas. Dentre esses, o que eu citei, Jadson Porto. Tenho certeza de que a Febacla é uma entidade que será coirmã da nossa ALJA.

Alegria para nossa Academia estarmos pela primeira vez, com estes brilhantes cidadãos que usam da palavra, suas experiências, sua honra, para expressar o sentimento de tantos que pensam, mas não conseguem colocar para fora o que lhes passa à mente. Ensinam com suas vidas, palavras, pensamentos utopias, para aqueles que são escritores.

Com certeza, os fundadores deste silogeu em Curitiba Vasco Taborda, Walfrido Piloto, Helena Kolody e outros. E , quando o título de *Doutora Honoris Causa* chegou, atentei que a honra se tornou maior!

Agradecer ao Universo, agradecer aos amigos e a minha missão nesta terra que é de encontrar o escritor que existe dentro de cada um. Agora se renova e agora vai ficar ainda mais forte.

Onde? Cultura e amizade andam irmanadas, como a nossa Academia de Letras José de Alencar e o Paraná é sair irmanado a esse querido Dom Alexandre.

Vale a pena lembrar que eu sempre recebi o Dom Orleans e Bragança aqui no Paraná. Eu era uma das cicerones e era Dr. Francisco Cunha Pereira, dono da Gazeta do Povo, que trazia sempre Dom Orleans e Bragança.

É lembrar de Dom Pedro II!

Vale a pena! Vale a pena! Vale a pena!

Deixo a vocês uma das minhas trovas, cumprimentando todos e cumprimentando essa bela diretoria e esperança.

No veludo da noite
sonhou a criança
com o mundo mais lindo,
cheio de esperança.

Curitiba (PR), fevereiro de 2026.

QUANDO UM HONORIS CAUSA É UM ESFORÇO COLETIVO

Prof.^ª. Dr.^ª. Dr. h. c. Valdenira Ferreira dos Santos

Senhoras e senhores,
Magníficas autoridades acadêmicas,
Estimados colegas, estudantes, familiares e amigos.

Receber este título é motivo de muita honra e alegria. Não representa apenas uma conquista individual, mas sim o resultado de um esforço coletivo de todas as pessoas e instituições que me apoiaram ao longo de minha trajetória. Essa honraria me convida a refletir...

Com a Geologia aprendi a observar, questionar e tentar compreender nosso planeta em sua complexidade, especialmente atualmente diante das intervenções humanas. Esse chamado se tornou mais forte no meu segundo ano de Geologia, em 1990, na Universidade Federal do Pará (UFPA), quando iniciei meus primeiros passos nas Ciências Costeiras e Marinhas. O mundo das águas, porém, sempre esteve presente em minha vida, desde a minha segunda infância na pequena cidade onde nasci, Abaetetuba, quando, embalada por uma prancha de madeira nas águas de março, eu seguia para a escola. Esse rápido encontro durante as águas de março, influenciadas pelas marés de sizígia (marés de luas cheia e nova) já estavam moldando parte da minha vida científica. Essas águas começaram a me embalar na busca do conhecimento.

A trajetória para chegar a Universidade não foi fácil, muito menos para permanecer nela. Em um período em que as ações afirmativas praticamente não existiam e as universidades ainda eram restritas aos grandes centros urbanos, o sonho de se tornar um profissional de nível superior era um desafio absurdo. Tive que sair de casa, mudar para um grande centro urbano

(Belém), praticamente sem apoio financeiro. Meus pais não podiam ajudar muito... O caminho foi árduo.

Na Universidade eu fui capturada pela Geologia e pelo fantástico conhecimento dos processos que moldam nosso pequeno Planeta. Mas algo chamou minha atenção: os ambientes formados no período recente. Essa parte do tempo geológico, onde o homem já está incluído. Mas meu interesse foi para um território bem específico, os ambientes formados no encontro da terra com o mar. Despertada a curiosidade, fui procurar aprender um pouco mais, e assim me tornei bolsista de Iniciação Científica (IC) no Programa de Pesquisa e Ensino em Ciências do Mar (Promar), na UFPA². Movida também é claro pela necessidade de ter dinheiro para alimentação e locomoção.

Desde a minha primeira bolsa de IC comecei a trabalhar com amostras e informações da zona costeira e marinha da região da foz do rio Amazonas, em especialmente com dados da zona costeira do estado do Amapá. Assim, a Amazônia Costeira e Marinha começou a fazer parte da minha vida.

² O Programa de Pesquisa e Ensino em Ciências do Mar foi o primeiro programa que iniciou os estudos sistemáticos dos ambientes costeiros e marinhos no norte do Brasil. Oportunizou a formação de inúmeros profissionais, nos diversos ramos das Geociências, voltado para os estudos costeiros e marinhos, que participaram em projetos nacionais e internacionais na região da foz do Amazonas e plataforma continental adjacente. Hoje estes profissionais atuam em diversas instituições no País. Uma parte dos profissionais fixaram-se no IEPA e originou o atual Nucleo de Pesquisas Aquáticas (NuPAq), no IEPA.

No Promar conheci a Profa. Odete Silveira (*in memoriam*³) que me incentivou, junto com os demais colegas do grupo de pesquisa (Amilcar, Pedro Walfir, Márcio, Helenice Vital, entre outros), a continuar meus estudos, sempre incentivados pelo Dr. Ercílio do Carmo Faria Jr. Foi no Promar também que tive contato com a Espeleologia, outro mundo a desvendar melhor no Amapá.

No final da década de 1990 (21 de agosto de 1997) mudei para o Amapá, junto com alguns colegas do Promar (Odete Silveira, Admilson Torres, Pedro Walfir, Márcio Sousa e Wagner Costa - e o colega Arnaldo Queiroz). Na época fomos convidados a implantar o um grupo de pesquisas em estudos costeiros e marinhos na Unifap.

Pouca importância era dada para a região costeira e marinha no estado no Amapá. Mas esse campo não foi fértil para a sementeira. No entanto, essa mudança de domicílio foi um marco na minha vida que me permitiu chegar ao IEPA, em 1998. A proximidade entre o Amapá e a Guiana Francesa, me trouxe melhor conhecimento sobre as conectividades entre o estuário amazônico e o litoral do Platô das Guianas.

No IEPA, atuei por quatro anos (1998-2004) no Programa Estadual de Gerenciamento Costeiro (Gerco-AP). Em 2000 fui lotada no Programa Gerco e, em 2002 no Centro de Pesquisas Aquáticas (CPAq)⁴. No IEPA, o conhecimento das Geociências se encontrou com o conhecimento das Ciências Biológicas e

³ Ver verbete da Dra. Odete Fátima Machado da Silveira, disponível em: https://memoria.cnpq.br/web/guest/pioneiras-view/-/journal_content/56_INSTANCE_a6MO/10157/2139038.

⁴ Lei 0699/2002 – regula e altera a estrutura do IEPA.

Ciências Sociais. Também pude me aprofundar no mundo do Sensoriamento Remoto, com apoio da rede Cooperação Franco-Brasileira sobre Ecossistemas Costeiros Amazônicos (Ecolab)⁵.

Dediquei-me então a entender como os dados de satélites capturavam as mudanças dos processos naturais e antropogênicos, e quais as limitações dessa ferramenta para o território amazônico. No meu doutorado (2002-2006) tive contato com a Geofísica Marinha. Um mundo que trouxe seus encantos para minha formação, porque agora eu poderia também estudar os ambientes abaixo do fundo marinho e suas mudanças.

O início de minha trajetória no IIEPA foi acompanhado de perto pela Dra. Odete Silveira e Dr. Laurent Polidori que mais tarde se tornaram meus co-orientadores de doutorado, com os quais desenvolvi uma profunda amizade. Também tive no Prof. Dr. Alberto Figueiredo da Silva Jr. um incentivo incondicional. Agradeço a esses professores terem feito parte de minha formação. A partir de 2010 iniciei minha trajetória no Curso de

⁵A rede de cooperação franco-brasileira Ecolab, foi uma rede envolvendo instituições de ensino e pesquisa do Amapá, Pará e Maranhão e instituições francesas lideradas pelo Institut de Recherche pour le Développement (IRD), com atuação por mais 15 anos, iniciada no ano de 1992. A rede CRIOU de um ambiente de colaboração internacional com amplas produções e discussões de resultados de pesquisas científicas junto aos gestores e a sociedade. Várias cartografias regionais dos ambientes costeiros amazônicos foram produzidas entre os litorais do Maranhão e a Guiana Francesa e foi um pilar de sustentação que permitiu aproximação entre pesquisadores brasileiros e franceses no âmbito dos programas PO Amazonia e PCIA. Ver artigo disponível em: https://www.researchgate.net/publication/330313575_L8217embouchure_de_l'Amazone_macro-frontiere_geomorphologique_enseignements_de_30_annees_de_recherche_s_franco-bresiliennes_sur_les_systemes_cotiers_amazoniens_The_Mouth_of_the_Amazon_River_a_geomorpho.

Pós-Graduação Mestrado em Desenvolvimento Regional (PPG_MDR/Unifap), atualmente Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento da Amazônia Sustentável (PPGDAS).

Este o primeiro curso de pós-graduação *stricto sensu* no Estado do Amapá, instalado na Unifap, em companhia da Dr^a. Odete Silveira e Dr. Jadson Porto, que junto com outros professores foram os fundadores deste Programa de Pós-Graduação. Recentemente fui admitida como professora no curso de Mestrado em Recursos Naturais da Amazônia - primeiro mestrado *stricto sensu* da Universidade do Estado do Amapá⁶.

Nessa trajetória de aprendizado descobri quão rápidas são as mudanças em nosso sistema amazônico, em especial na fronteira dos estados do Amapá e Pará (lugar de Geologia rápida, como diria meu orientador de doutorado) e como elas afetam nosso território e conseqüentemente as populações costeiras. Essa conectividade trouxe a necessidade de aliar o conhecimento científico das Geociências com a Sociedade. As responsabilidades foram aumentando para responder as inúmeras demandas da Ciência, das instituições locais e de fora do Amapá e da sociedade.

Mas o coração sempre se manteve do mundo dos ambientes costeiros e marinhos e suas transformações. Tive oportunidade de coordenar e de participar de inúmeros projetos de execução local, nacional e internacional, graças as redes de colaborações estabelecidas. Tenho certeza que nenhum êxito pode ser atribuído exclusivamente à minha pessoa.

Atualmente, junto uma rede de colaboradores de diversas instituições, estamos implantando o Observatório Popular do Mar (Omara, @omara_obs). Nesse observatório as comunidades são protagonistas e fazem parte da Ciência

⁶<https://ueap.edu.br/pagina/apresenta-o-renamazon.html>

Cidadã. Foi um projeto nascido em uma época difícil da minha saúde e instigado por meu colega Laurent Polidori.

Vivemos um tempo marcado por grandes desafios ambientais que ameaçam parte de nossa existência. Por isso, a Ciência, aliada com os saberes acumulados, torna-se essencial para construirmos um futuro mais equilibrado.

Durante minha trajetória aprendi que mais do que resultados em artigos, o verdadeiro valor da pesquisa está, muitas das vezes, nas perguntas que são feitas, movidas pela curiosidade, e que promovem a colaboração entre pessoas e saberes, gerando impactos positivos nas instituições e na sociedade. Esse valor reside também nas perguntas que não são feitas e ainda precisam ser formuladas. Como bem diz Dr. Marcelo Gleiser: *“A Ciência não é conjunto de verdades imutáveis”*.

Por isso sempre estamos na busca por novas perguntas e respostas. É essa busca que nos impulsiona a enfrentar os desafios do mundo atual. Quando guiada pela ética e compromisso, a Ciência se torna uma força poderosa capaz de pavimentar uma estrada mais segura para a humanidade.

Aos estudantes e jovens pesquisadores incentivo que nunca percam o encanto de questionar, nem a coragem de buscar respostas. Mantenham sempre a fé e a esperança, pois a fé nos move e esperança nos impulsiona para o futuro. A Ciência precisa de mentes críticas e comprometidas.

Como com todos os prêmios que fui agraciada, para mim esta honraria foi novamente uma surpresa. Recebo com gratidão e humildade, certa de que nunca farei ou saberei o suficiente. Agradeço à minha família e a todos os meus mestres e amigos que ao longo desta jornada nos apoiaram e tem nos apoiado. Agradeço a todos os meus alunos, que também me ensinaram.

Agradeço a Dom Alexandre e aos representantes da Febacla pelo reconhecimento e reafirmo meu compromisso com a Ciência, a Educação e a promoção do conhecimento

como ferramentas de transformação de vidas e quiçá de melhoria do mundo.

Muito obrigada.

Macapá (AP), fevereiro de 2026.

ENTRE A TEORIA E A FLORESTA: UMA JORNADA DE CIÊNCIA, COMPROMISSO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Profa. Dr^a. Dr^a. h. c. em Ciências Sociais Eliane Superti

É com profunda gratidão e alegria que escrevo este discurso. Receber o título de *Doutora Honoris Causa* é, para mim, muito mais do que uma honraria; é um reconhecimento que transcende a dimensão pessoal e se projeta como um farol sobre a trajetória que busquei pautar pelo compromisso com a educação pública, a ciência e a justiça social. Este momento não é de vaidade, mas de reafirmação de um propósito de vida, de

uma responsabilidade que se renova e se fortalece diante de tão significativa distinção.

O *Honoris Causa*, em sua essência, não celebra apenas um indivíduo, mas a causa que esse indivíduo representa. No meu caso, sinto que ele reconhece uma jornada dedicada à construção do conhecimento, à formação de novas gerações e à defesa intransigente de um Brasil mais justo e equitativo, forjado pela força transformadora da educação inclusiva e socialmente responsável. É um convite a olhar para trás, para as raízes que me moldaram, e para frente, para os desafios que ainda nos esperam.

Minha formação acadêmica, alicerce do que viria a construir, teve seus primeiros passos na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), em Marília – SP. Oriunda do ensino médio público, cursado no período noturno pela necessidade de trabalhar desde muito jovem, precisei de dois anos de curso preparatório pré-vestibular para conseguir ingressar no curso de Ciências Sociais, à época com baixa concorrência, mas de alto rigor. Foi nesse curso que minha curiosidade intelectual foi despertada e a paixão pela pesquisa começou a florescer.

No Mestrado e Doutorado em Ciências Sociais na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), concluído em 2004, encontrei o terreno fértil para aprofundar meu entendimento sobre as complexas dinâmicas da sociedade brasileira. Ali, fui imersa na teoria política e deparei-me com novas referências de análise. Resisti, inicialmente, a aceitar as críticas disruptivas às teorias clássicas, mas fui convencida de que, na ciência, é a quebra dos paradigmas que abre espaço para interpretações e ações inovadoras.

Compreender a gênese e o desenvolvimento das instituições, a relação entre poder e sociedade e as forças que moldam a organização política tornou-se não apenas um objeto de estudo na pós-graduação, mas uma ferramenta indispensável para a ação e a reflexão crítica. Essa base teórica não foi um fim

em si mesma, mas o ponto de partida para uma compreensão mais profunda das realidades sociais, especialmente aquelas que se manifestariam de forma tão contundente em minha próxima e decisiva etapa profissional.

A vida, por vezes, apresenta-nos encruzilhadas que definem nosso destino. Para mim, uma dessas encruzilhadas foi a Amazônia. Em 2006, cheguei ao Amapá para integrar o corpo docente da Universidade Federal do Amapá (Unifap). Lembrome vividamente de uma metáfora que circulava entre os profissionais que chegavam à região: a de “estacionar de ré”.

Muitos vinham com a mentalidade de que a Amazônia seria uma passagem, um degrau, um lugar onde se permaneceria com tudo arrumado para arrancar ao primeiro sinal de oportunidade em centros mais estabelecidos. Eu, no entanto, tomei uma decisão diferente, uma decisão que mudaria o curso da minha vida e da minha carreira: decidi ficar. Ficar para construir, para aprender, para integrar-me a uma realidade que, de imediato, cativou-me e desafiou-me.

A Amazônia não foi para mim um mero objeto de estudo, mas uma escola de vida, um laboratório de experiências humanas e sociais. E foi nesse contexto que se deu uma das minhas maiores contribuições acadêmicas: o amadurecimento da Ciência Política no âmbito da Unifap. Cheguei a uma instituição jovem, em um estado com peculiaridades amazônicas profundas, onde a Ciência Política ainda engatinhava.

Meu desafio não foi apenas o de ministrar aulas, mas o de semear e cultivar um campo de conhecimento. Isso significou ir além da sala de aula, participando ativamente da consolidação do curso de graduação em Ciências Sociais e da pós-graduação. Fui parte da equipe que concebeu e implementou o Programa de Pós-Graduação em Direito Ambiental e Políticas Públicas, que buscou integrar a dimensão jurídica com a urgência das questões ambientais e sociais da floresta, e o Programa de Pós-Graduação em Estudos de Fronteira (PPGEF), primeiro

programa na área de Ciência Política e Relações Internacionais da Unifap. O PPGEF consolidava a ideia de que a fronteira não é o fim do território, mas o começo de novas epistemologias, onde o Brasil encontra a Pan-Amazônia.

Foi no chão da floresta, e não apenas nos gabinetes, que minha pesquisa ganhou sua verdadeira dimensão social. Ao debruçar-me sobre a cadeia produtiva do açaí e a governança nas comunidades tradicionais, deparei-me com a complexidade viva dessas populações. Ali, acompanhando associações e cooperativas de produtores comunitários, compreendi que "políticas públicas" na Amazônia não podem ser desenhadas sem ouvir o ruído das águas e a voz dos ribeirinhos. Nos meus estudos, a tensão entre a lógica da "safra" industrial e o "manejo" tradicional revelou as contradições do desenvolvimento sustentável. Essa imersão ensinou-me que a governança ambiental não é um conceito abstrato, mas uma prática diária de sobrevivência e resistência.

Compreendi, ao trabalhar no Amapá, que a ciência produzida na e para a Amazônia deveria ser protagonista, e não apenas um eco de pesquisas realizadas em outros centros. Era preciso superar a visão colonialista que frequentemente reduzia a região a um mero objeto de estudo externo, um repositório de dados para teses distantes. A Amazônia, com sua complexidade socioambiental, seus saberes ancestrais e seus desafios contemporâneos, exigia uma abordagem que partisse de dentro, que valorizasse a perspectiva local e que gerasse conhecimento aplicável à melhoria da qualidade de vida de seus povos.

Essa foi a minha proposta, e a ela me dediquei com fervor, buscando formar pesquisadores que pudessem ser agentes de transformação em suas próprias comunidades.

A jornada na Unifap culminou em um dos maiores desafios e privilégios da minha carreira: a de representar a comunidade acadêmica na condição de Reitora da Universidade, no período de 2014 a 2018. Assumir a gestão de uma universidade pública em um país de dimensões continentais

como o Brasil, e em um estado com as particularidades do Amapá, já seria uma tarefa desafiadora. Fazê-lo em um período de profunda crise política e econômica nacional, com cortes orçamentários e ataques sistemáticos à educação pública, tornou a missão ainda mais complexa.

No entanto, encarei esse período como uma oportunidade de reafirmar, na prática, os princípios que sempre defendi. A reitoria permitiu-me entender a força que pulsa da comunidade acadêmica e suas profundas contradições. Lembro-me das negociações em Brasília, onde muitas vezes tive que explicar que o custo amazônico não é apenas financeiro: é social.

Minha gestão foi pautada pela defesa intransigente da Universidade Pública, Gratuita e de Qualidade. Lutamos incansavelmente pela expansão da Unifap, pela interiorização do ensino superior e pela promoção da inclusão social. Consolidamos os cursos de graduação, ampliamos a oferta da Pós-Graduação, investimos em infraestrutura e, acima de tudo, trabalhamos para garantir que a universidade fosse um espaço democrático, plural e acessível a todos, especialmente aos jovens das comunidades mais vulneráveis da Amazônia.

Entre derrotas e vitórias nessa luta, a gestão universitária, para mim, nunca foi um mero exercício burocrático. Foi um ato político. Foi a política de resistir aos dismantelamentos e de reafirmar o papel estratégico da universidade como motor de desenvolvimento social e econômico. Cada decisão, cada luta por orçamento, cada projeto de expansão era um testemunho do nosso compromisso com o futuro da sociedade amapaense. A luta pela autonomia universitária entrelaçou-se, assim, com a luta pelo desenvolvimento regional.

Se há algo que me traz uma alegria e um senso de realização maior do que minhas conquistas acadêmicas, é a formação de novos pesquisadores. Dediquei grande parte da minha vida a orientar alunos de Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado, a compartilhar o rigor da pesquisa, a instigar a curiosidade e a

fomentar o pensamento crítico. Acompanhar o desenvolvimento intelectual desses jovens, vê-los transformar suas inquietações em projetos de pesquisa consistentes e, mais tarde, vê-los defender seus trabalhos é uma experiência realizadora.

O legado acadêmico não reside apenas em publicações, patentes ou produtos científicos, mas na capacidade de inspirar e formar novas gerações de pensadores. É ver um ex-aluno tornar-se professor universitário, um pesquisador atuante, um profissional ético e agente de mudança em sua área. É saber que as sementes plantadas em sala de aula e nos grupos de estudos e pesquisa germinaram e estão produzindo frutos em diferentes cantos do país.

Tenho a honra de ter acompanhado muitos desses percursos, e cada realização de um orientando é a esperança de que minha pequena contribuição tenha feito sentido. Eles são a prova viva de que a educação é um ciclo virtuoso, onde o conhecimento é construído, transformado e multiplicado por muitas mãos e mentes, garantindo a continuidade da busca por novos caminhos.

Após a experiência enriquecedora na Unifap, minha jornada trouxe-me para a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), onde continuo a contribuir com a pesquisa, o ensino e a extensão. Essa transição, longe de ser um ponto final, representou uma nova fase de aprendizado e expansão de horizontes, destacando-se a oportunidade de vivenciar uma experiência internacional em colaboração com a Universidade Erasmus de Rotterdam.

A vivência na Holanda me permitiu dialogar de igual para igual, mostrando que a ciência produzida no Sul Global tem respostas fundamentais para as crises climáticas e sociais do planeta. Levei as lições apreendidas na Amazônia para o debate internacional, não como problemas a serem resolvidos, mas como fontes de soluções inovadoras em governança e sustentabilidade.

É nesse contexto de maturidade acadêmica e experiência diversificada que minha pesquisa se volta cada vez mais para a aplicação prática, para a busca de soluções concretas para problemas sociais e ambientais. O projeto *Inov'açat - Co-construção de conhecimentos, inovações e políticas públicas para sustentabilidade da produção comunitária na Bioeconomia Amazônica*, que tenho orgulho de coordenar, é um exemplo emblemático dessa abordagem. Nele, a tensão entre a lógica do mercado - que busca a exploração imediata e muitas vezes predatória dos recursos naturais - e a lógica comunitária - que preza pela sustentabilidade, pelo uso consciente e pela valorização dos saberes locais - manifesta-se de forma contundente.

Meu trabalho tem sido o de defender e fortalecer as comunidades tradicionais, buscando o reconhecimento do seu modo de vida em intrínseca relação entre o ser humano e a natureza, visando a um desenvolvimento que seja justo, equitativo e ecologicamente sustentável.

A pesquisa aplicada, nesse sentido, não é apenas um exercício intelectual, mas uma ferramenta de empoderamento para as comunidades tradicionais, para os povos da floresta que são os verdadeiros guardiões da biodiversidade. É a ciência a serviço da vida, da cultura e da dignidade humana. É a materialização do compromisso ético pelo qual sempre busquei pautar minha trajetória: o de usar o conhecimento para construir um mundo melhor, mais justo e mais respeitoso com todas as formas de vida.

Ao concluir este discurso, que é também um balanço de uma vida dedicada à academia e ao compromisso social, quero compartilhar alguns aprendizados fundamentais da minha vivência: que a formação se dá ao longo da vida, de forma contínua; que o ensino, numa perspectiva plena, emancipatória e inclusiva, não pode estar dissociado da realidade e da produção crítica do conhecimento; que os saberes são múltiplos e não podem ser hierarquizados, que a ciência não é neutra, e muito menos isenta das escolhas políticas; que o fazer científico

precisa transbordar os muros da academia para sua elaboração e nos seus resultados; e que esse fazer deve ser construído em relação mediada, não hierárquica, ética e socialmente responsável.

Aprendi, também, que a administração é o quarto pilar fundamental, pouco discutido e nem sempre democrático, da universidade.

Hoje, como professora titular na UFPB e Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq, trago na bagagem todas as águas da minha vida. O título que a Febacla hoje me confere é o reconhecimento dessa tessitura de vidas, lugares e saberes. Ele pertence também aos meus alunos, aos meus colegas de trincheira na defesa da educação pública e às comunidades tradicionais que me permitiram entrar em suas vidas e aprender o que nenhum livro poderia ensinar.

Recebo este Doutorado *Honoris Causa* com a humildade de quem sabe que o conhecimento é uma construção coletiva. Este título renova meus ânimos, lembrando que a nossa luta por uma ciência ética, engajada e transformadora nunca termina.

Muito obrigada.

João Pessoa (PB), fevereiro de 2026.

HOMENAGEM PÓSTUMA A RAULLYAN BORJA LIMA E SILVA: A *Doutor Honoris Causa, Comenda Mérito Científico Galileu Galilei e Moção de Honra ao Mérito – Febacla*

Rauliette Diana Lima e Silva

Boa tarde a todas e a todos.

Meu nome é Rauliette Diana Lima e Silva. Sou professora de Filosofia da Universidade Federal do Amapá há 34 anos, atuando na área da Filosofia amazônida, e falo neste momento em nome de toda a minha família.

Inicialmente, manifestamos nosso mais profundo e sincero agradecimento ao Presidente da Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências, Letras e Artes - Febacla, Prof. Dr. h.c. Alexandre da Silva Camêlo Rurikovich Carvalho, pela concessão da **Comenda Mérito Científico Galileu Galilei e da Moção de Honra ao Mérito**, em homenagem póstuma ao meu irmão Raullyan Borja Lima e Silva, nascido em 26 de dezembro de 1963 e falecido em 30 de dezembro de 2025, aos 62 anos.

Para nossa surpresa e alegria, em 29 de janeiro de 2026, recebemos também a notícia, por intermédio do amigo e colega de trabalho Dr. Jadson Porto, de que meu irmão foi agraciado com o **Título de Doutor Honoris Causa em Ciências Humanas e da Natureza**, *in memoriam*, concedido pela Febacla e pelo Centro Samaritano de Altos Estudos Filosóficos e Históricos.

O recebimento desta homenagem representa mais do que um reconhecimento institucional. Trata-se da confirmação de que a ciência preserva a memória, de que o conhecimento não se perde e de que vidas dedicadas à pesquisa, à educação e ao compromisso ético permanecem registradas na história.

A trajetória do meu irmão é resultado de dois seres humanos extraordinários: de nossa mãe, Elza Lima e Silva, educadora pioneira no Estado do Amapá, primeira coordenadora do Núcleo de Educação Indígena, professora que percorreu rios e comunidades, remando para estudar e trabalhando por mais de meio século na formação de gerações; e de nosso pai, Francisco de Borja Martins e Silva, homem que, embora não tenha podido concluir os estudos formais, educou seus filhos no amor pela leitura, pela música e pela dignidade. Raullyan nasceu da união entre saber e sensibilidade, entre luta e ternura.

Raullyan Borja Lima e Silva foi um intelectual singular. Doutor em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido pela Universidade Federal do Pará, mestre em Agronomia pela Universidade Federal Rural da Amazônia, pós-doutor pela

Universidade Federal do Amapá e licenciado em Biologia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, construiu uma trajetória acadêmica marcada pelo rigor científico e pela dedicação à formação de pessoas.

Atuou como pesquisador do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá - IEPA, na Divisão de Botânica e no Núcleo de Biodiversidade. Foi professor permanente e orientador de doutorado da Rede Bionorte, além de docente e orientador em programas de pós-graduação da Universidade Federal do Amapá - Unifap.

Sua produção científica é extensa e profundamente enraizada na Amazônia. Entre suas obras, destacam-se livros e capítulos como **“Aspectos da biodiversidade e biotecnologia no estado do Amapá”**, no qual organizou e produziu estudos sobre etnobotânica e plantas medicinais; **“Conhecimento e manejo sustentável da biodiversidade amapaense”**, com pesquisas sobre orquídeas e espécies de uso tradicional; **“Plantas ornamentais cultivadas no município de Macapá”**, obra vinculada ao IEPA; além de livros como **“Doenças relacionadas ao saneamento ambiental inadequado no Distrito de Mazagão Velho”** e **“Anfíbios anuros da Área de Proteção Ambiental do Rio Curiaú”**.

Seus capítulos abordaram, com sensibilidade científica, temas como **plantas medicinais de comunidades tradicionais, quintais agroflorestais, uso e manejo de espécies amazônicas, orquídeas, palmeiras medicinais** e a articulação entre **saber tradicional e conhecimento acadêmico**. Sua ciência tinha método, mas também tinha território, escuta e respeito.

Entretanto, sua trajetória não se restringe ao campo científico. Raullyan foi, sobretudo, um ser humano de profunda sensibilidade: irmão amoroso, filho dedicado, marido presente, pai extraordinário e amigo leal. Sua inteligência nunca esteve dissociada da escuta, do cuidado e da atenção às pessoas. Orientava, incentivava e acolhia.

Construiu sua formação acadêmica em meio a intensas dificuldades e dores, sem interromper sua caminhada. Lutou porque desejava viver e porque acreditava no conhecimento como forma de transformação. Venceu muitas batalhas. Se a última não foi sua, a grandeza e a dignidade da luta permanecerão como parte indelével de sua história.

Registramos, por fim, nosso agradecimento institucional ao **IEPA** e ao **Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento da Amazônia Sustentável – PPGDAS/Unifap**, pela indicação, pelo reconhecimento e por honrarem a trajetória científica e humana de Raullyan.

Seu legado permanece vivo na ciência, na educação e nas pessoas que formou e tocou ao longo de sua vida. Atualmente, descansa junto de nossa mãe, no rio Aporema, mas sua obra continua a caminhar por meio de seus alunos, de seus textos e de sua memória.

Recebemos esta homenagem com respeito, emoção e gratidão. Ela reafirma que a ciência também é feita de humanidade e que pesquisadores não desaparecem: transformam-se em memória viva.

Voe alto, Raullyan Borja Lima e Silva.

Você sempre mereceu estar no alto.

Muito obrigada.

Macapá (AP), fevereiro de 2026.

“NA CAVERNA NADA SE LEVA, A NÃO SER LEMBRANÇAS...”, MAS O QUE APRENDEMOS...

Prof. Dr. h. c. José Ayrton Labegalini

Na caverna, nada se mata, senão o tempo; nada se deixa, senão pegadas; nada se mata, senão o tempo; nada se leva, se não lembranças.

Lema da Espeleologia.

Boa noite!

Comecei a me interessar por cavernas na adolescência, mesmo antes de conhecer o termo espeleologia, nos idos do final da década de 1960, quando com alguns amigos nos interessamos em procurar a lendária “Caverna do Morro Pelado”, na minha cidade natal, Monte Sião, no sul das Minas Gerais. Somente na idade adulta, então com conhecimentos mais aprofundados sobre cavernas, carste e espeleologia, vim a ter ciência de que a minha região não é uma região cárstica, ou com constituição geológica favorável à abertura de cavidades naturais subterrâneas.

Em 1969, em uma primeira viagem para fora do estado de Minas na procura de conhecer uma caverna de verdade, em uma excursão de escola, fui conhecer a Caverna do Diabo, recém aberta ao turismo no ano anterior. No início da década a curiosidade se intensificou; em 1972 fiz uma primeira visita às cavernas do Vale do Ribeira, em Iporanga-SP, local que visitei ao menos duas vezes por ano durante a vida de aluno universitário. Em 1983 tive a oportunidade de fazer a primeira visita às grutas do Vale do Peruaçu, no Norte de Minas Gerais.

O interesse pela espeleologia me levou à filiação na Sociedade Brasileira de Espeleologia (SBE) em 1984, o meu primeiro congresso espeleologia foi o XVII Congresso Nacional de Espeleologia, em Ouro Preto-MG, em setembro de 1985; sendo que em 1986 fui convidado a assumir o cargo de vice-presidente na diretoria da entidade. Em 1993 fui eleito para a presidência da SBE para o período 1993-1995, cargo para o qual fui reconduzido para o período 1997-1999.

No tempo da vice-presidência da SBE, fui indicado como Delegado Brasileiro junto às entidades espeleológicas internacionais, na Federação Espeleológica da América Latina e do Caribe (FEALC) e na União Internacional de Espeleologia (UIS). O meu primeiro congresso no exterior foi 9º Congresso Internacional de Espeleologia (CIE), em Barcelona-Espanha, em setembro de 1986. Desse congresso, a comitiva brasileira da SBE voltou da Espanha com a missão de organizar o I Congresso de Espeleologia da América Latina e do Caribe (CEALC), evento que aconteceu em Belo Horizonte-MG, em setembro de 1988, organizado por uma comissão da qual fui o Presidente. O III CEALC aconteceu em Malargüe-Mendoza, Argentina, oportunidade em que fui eleito o Secretário Geral da FEALC, para o mandato 1997-2001.

No 11º CIE, acontecido em Pequim-China, fui como Delegado Brasileiro, mas voltei como Vice-Presidente da UIS. O 13º CIE foi da responsabilidade da SBE, aconteceu em Brasília-DF, em julho de 2001, quando fui indicado e eleito como Presidente da UIS, para o período 2001-2005. Na passagem do cargo da presidência, durante o 14º CIE, em Kalamos-Grécia, em setembro de 2005, fui homenageado como Membro Honorário do Diretoria da UIS e desde 2017 faço parte do Conselho Consultivo da entidade. O 19º CIE, o último Congresso Internacional de Espeleologia realizado, congresso no qual foi comemorado os 60 anos da própria UIS, novamente foi organizado sob a égide da SBE, aconteceu em Belo Horizonte em julho de 2025, evento para o qual fui indicado e escolhido como Presidente da Comissão Organizadora.

Para o registro histórico da UIS, uma lacuna aberta desde a fundação da entidade, no seu aniversário de 50 anos, comemorado em setembro de 2015 na Eslovênia, então pertencente à antiga Iugoslávia, onde a UIS foi fundada em 1965, fiz o lançamento do livro - **Fifty years of the UIS (1965-2015)**. Por ocasião do evento onde se comemorou o 60º Aniversário da UIS, os dados históricos até então registrados

foram revistos, atualizados e complementados em uma nova publicação - **Sixty years of the UIS (1965-2025)**.

Nas atividades voluntárias na área da espeleologia, através das entidades onde tinha representatividade, foram dezenas de palestras, exposições, reuniões, cursos e trabalhos apresentados em eventos, encontros e congressos no Brasil e no exterior. Foram 15 (quinze) Congressos Brasileiros de Espeleologia e mais 23 (vinte e três) outros eventos em estados brasileiros (Minas Gerais, São Paulo, Santa Catarina, Paraná, Bahia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Norte, Pará e DF).

Para impulsionar a espeleologia da região geográfica da FEALC Foram 15 (quinze) eventos entre congressos, expedições e encontros de Espeleologia em vários países (Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Costa Rica, Cuba, México, Paraguai, Porto Rico e Venezuela). No interesse da espeleologia internacional, incluindo-se o Brasil, mas extra FEALC, foram 10 (dez) Congresso Internacionais de Espeleologia e mais 13 (treze) outros eventos em dezenas de países em três continentes (Austrália, Áustria, Brasil, Coreia do Sul, China, Eslovênia, Espanha, Estados Unidos, França, Grécia, Indonésia, Inglaterra, Itália, República Tcheca, Suíça e Vietnam). Foram muitas as Reuniões específica da UIS em diversos países (Austrália, Áustria, Brasil, China, Coreia do Sul, Eslovênia, Estados Unidos, França, Grécia, Indonésia, Inglaterra, Líbano, Porto Rico, Suíça, República Tcheca e Vietnam).

Na vida acadêmica, desde que me ingressei na universidade em 1971, para graduação em Engenharia Elétrica (EFEI-1975) e Engenharia Civil (FECI-1977), sempre exerci o magistério em escolas técnicas do segundo grau; depois de graduado, o magistério teve continuidade nas faculdades onde me titulei. Enquanto professor na Escola Federal de Engenharia de Itajubá (hoje Universidade Federal de Engenharia de Itajubá - Unifei), dentre outras disciplinas, introduzi um curso de extensão universitária em espeleologia, um dos primeiros cursos da área validado por uma instituição oficial de ensino no país;

quando ocupava a cadeira de ciências do meio ambiente, pedi afastamento para cursar pós-graduação em engenharia do meio ambiente (USP-1994), com a tese de mestrado intitulada *Levantamento dos impactos ambientais das atividades antrópicas em regiões cársticas*.

Durante a vida universitária, em conjunto com outros conterrâneos da minha cidade natal, surgiu a ideia de construirmos um Museu em Monte Sião; as primeiras conversas surgiram em 1975; nos primeiros anos da década de 1980 seis idealistas estavam coletando peças para o museu. No dia 08 de dezembro de 1982 foi instituída a Fundação Cultural Pascoal Andreta (FCPA), para ser a mantenedora do Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião (MHGMS), inaugurado em 10 de julho de 1983. Pertencendo ao Conselho Curador da FCPA na qualidade de Membro Nato, assumi a Vice-Presidência na instituição da Fundação e desde 2004 sou o Presidente do seu Conselho Curador.

Além de ser a mantenedora do Museu, a FCPA fomenta a cultura, promove o registro histórico e desenvolve uma série de eventos culturais na cidade, dentre eles: Concurso de Poesias Fritz Teixeira (concurso internacional em sua 25ª versão em 2026), Concurso de fotografias – “Carmo Teodoro Gonçalves” (13ª versão em 2026), Concurso de Contos “Ivan Mariano Silva” (3ª versão em 2026), edição e impressão do Jornal Monte Sião (jornal iniciado antes da própria Fundação e de edição Nº 631 em janeiro de 2026), manutenção da Banda de Música - Lira Monte Sião, patrocina anualmente edição de livros de autores da cidade, participa da Semana Nacional do Museu há mais de uma década. Já o Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião, objetivo estatutário primordial da FCPA, mantém um rico acervo histórico da cidade, em exposições que se espalham por seis ambientes, um deles é uma gruta artificial, denominada Caverna do Museu, para divulgar a importância das cavernas e promover a espeleologia como um todo.

A construção dessa gruta, que é primeira gruta artificial em um museu brasileiro, foi em 1995, por iniciativa do Espéleo-Grupo de Monte Sião (EGMS), o menor grupo de espeleologia do país, idealizado na década de 1970, Grupo do qual sempre tive a honra de liderar. Por ocasião do 19º CIE (acima já citado) a Gruta do Museu foi ampliada e totalmente revitalizada, para deixá-la mais próxima da realidade natural de ambientes subterrâneos.

O livro **Sixty years of the UIS (1965-2025)** narra a história da UIS, que incluem detalhes de todos os seus 18 (dezoito) congressos internacionais passados, mas a história do próprio 19º CIE logicamente que é incompleta na publicação. Assim, para o 19º CIE, este livro teve uma tiragem impressa reduzida, mas está disponível em forma digital, enquanto sua atualização com os dados do último CIE é editada para a versão atualizada da publicação. Um desses exemplares impressos foi reservado ao amigo de longa data, com pós-doutorado por várias universidades e reconhecido por outras entidades, mas também amante das cavernas e da espeleologia, o Dr. Dr. h. c. Jadson Porto.

Qual não foi a minha surpresa ao ser contatado pelo Jadson me pedindo autorização para me indicar ao título de *Doutor Honoris Causa*, para a Federação Brasileira de Acadêmicos das Ciências, Letras e Artes (Febacla). Só a solicitação da autorização já é uma honraria da qual não me considero merecedor; na esperança de não ter os pré-requisitos necessários para a efetivação da titulação, concordei e lhe enviei o meu currículo de vida.

Contrariando as minhas expectativas, fui formalmente contatado com informação de que o meu nome fora aceito e aprovado pelo Comitê Avaliador, para ser agraciado e receber o Título de *Doutor Honoris Causa em Ciências da Natureza* (15/01/2026), bem como um *Certificado de Menção Honrosa - Destaque Nacional* (31/01/2026), em reconhecimento ao meu mérito acadêmico, cultural e intelectual da minha atuação,

evidenciando pelo trabalho desenvolvido na promoção, difusão e fortalecimento da arte, da ciência, da cultura e da literatura, contribuindo para a elevação de pensamento crítico, da produção de conhecimento e da preservação do patrimônio cultural brasileiro, que no contexto interpretado como sendo do patrimônio espeleológico internacional.

Agradeço a Deus por todas as bênçãos e oportunidades concedidas; à minha família que se privou da minha presença em muitos períodos; aos colegas do EGMS e da FCPA, com seus constantes apoios às minhas iniciativas; ao amigo Dr. Jadson Porto, por reconhecer o meu trabalho na espeleologia; à Febacla e ao Centro Samarthiano de Altos Estudos Filosófico e Históricos (CSAEFH) e sua Comissão Avaliadora por aprovarem a indicação e; àqueles que me estimularam na construção de tudo aquilo que me permitiu ser agraciado com estas honrarias.

Consolidadas as honrarias, que fazer? O que representa para mim ser agraciado com o título de *Doutor Honoris Causa*?

Nesses dias de tramitação da titulação, após analisar e rever a minha carreira na espeleologia brasileira e internacional, deixando um pouco de lado a modéstia, reconheço que este título consolida minha construção intelectual enquanto profissional, educador e espeleólogo, capaz de provocar reflexões além dos limites da espeleologia brasileira.

Por outro lado, quando já me sentia descompromissado com a espeleologia, após a conclusão do 19º CIE e publicação do Livro da História da UIS, reconsidero a situação e vejo ampliada a minha responsabilidade em prol da continuidade dos trabalhos na divulgação da importância das cavernas e do carste, no cenário nacional e internacional, uma vez que a globalização não se aplica unicamente ao convívio social, mas também à sobrevivência do planeta, onde o patrimônio cárstico tem papel de fundamenta importância.

Monte Sião (MG), janeiro de 2026.

A HONRA E O CORAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE O TÍTULO DOUTOR HONORIS CAUSA

Dr. h. c. Rogerio Olavo Cunha Leite

Este texto visa expor, brevemente, algumas percepções que o título *Doutor Honoris Causa* tem manifestado ao longo da história e na sociedade. Ao longo da história das instituições acadêmicas e culturais, poucas distinções carregam um simbolismo tão profundo quanto o título provoca. Trata-se de uma honraria que transcende diplomas formais, provas e currículos acadêmicos tradicionais, pois reconhece algo que não pode ser medido apenas por notas ou certificados: a contribuição humana, intelectual e social que transforma comunidades, inspira gerações e amplia os horizontes do conhecimento e do bem comum.

Receber esse título não significa apenas alcançar reconhecimento público; representa, sobretudo, o encontro entre a honra concedida pela instituição e o compromisso assumido pelo homenageado. É um gesto simbólico que declara à sociedade que determinada pessoa, por suas ações, ideias ou obras, ajudou a construir caminhos de progresso, dignidade e desenvolvimento humano. Nesse sentido, o *Doutor Honoris Causa* não é apenas um título acadêmico - é um testemunho de impacto, uma assinatura moral gravada na história coletiva.

O reconhecimento institucional tem uma força singular na trajetória de qualquer profissional. Ele não apenas valida anos de dedicação, esforço e contribuição, mas também amplia a visibilidade de causas, projetos e valores defendidos ao longo da vida. A honraria ilumina a carreira de quem a recebe, mas, ao mesmo tempo, projeta luz sobre aquilo que verdadeiramente importa: o serviço prestado à sociedade. Assim, o título não celebra apenas a pessoa, mas as ideias que ela representa, as transformações que promoveu e as sementes que ajudou a plantar no campo do conhecimento e da solidariedade humana.

Entretanto, toda honra carrega consigo uma responsabilidade. O título de *Doutor Honoris Causa* não é um ponto final, mas um novo começo simbólico. Ele convida o homenageado a continuar sendo referência ética, intelectual e social, mantendo vivo o compromisso com o bem comum, com a promoção do conhecimento e com a defesa de valores que elevem a condição humana. A honraria, portanto, não apenas reconhece o passado; ela também aponta para o futuro, lembrando que grandes reconhecimentos implicam grandes responsabilidades.

A dimensão mais profunda dessa distinção encontra-se no encontro entre a honra e o coração. A honra representa o reconhecimento público, institucional e histórico; o coração simboliza a motivação interior que impulsiona cada ação realizada ao longo da vida. Quando ambos se unem, o título deixa de ser apenas uma formalidade e passa a ser um símbolo vivo de propósito, dedicação e compromisso social. É nesse ponto que a honraria alcança seu significado mais elevado: tornar-se um lembrete permanente de que o verdadeiro valor do conhecimento está em servir, transformar e contribuir para um mundo mais justo e humano.

Refletir sobre o título de *Doutor Honoris Causa* é, portanto, refletir sobre o próprio sentido da realização humana. Mais do que celebrar conquistas individuais, essa distinção convida a sociedade a reconhecer que o progresso nasce da soma de esforços generosos, da coragem de inovar e da disposição de colocar talentos e saberes a serviço de todos. Assim, a honraria não pertence apenas a quem a recebe; ela se torna patrimônio simbólico da coletividade, inspirando novas gerações a trilhar caminhos de excelência, responsabilidade e contribuição para o bem comum.

A SIGNIFICAÇÃO DO TÍTULO: A ORIGEM HISTÓRICA DO DOUTOR HONORIS CAUSA

A distinção que hoje chamamos de reconhecimento acadêmico de excelência tem suas raízes na Europa medieval, quando as primeiras universidades começaram a formalizar práticas de legitimação intelectual. Nesse contexto, a universidade não era apenas um espaço de transmissão de saberes, mas um centro de autoridade moral e cultural, onde o mérito se manifestava por meio de contribuições duradouras ao pensamento coletivo.

A outorga de títulos especiais, distintos dos obtidos por meio de exames ou estudos regulares, surgiu como forma de validar realizações que ultrapassavam os limites do ambiente acadêmico tradicional.

Essas práticas evoluíram em resposta a necessidades sociais mais amplas: governantes, religiosos e patronos da cultura buscavam associar seu prestígio a instituições que detinham credibilidade intelectual.

Assim, a concessão de honrarias tornou-se um instrumento de aliança entre poder e saber, consolidando uma relação simbólica que ainda persiste. Registros históricos mostram que a Universidade de Paris, já no século XIII, adotava mecanismos semelhantes para homenagear figuras externas cujas obras influenciavam o debate filosófico e teológico.

Esses atos não eram meras cerimônias - expressavam uma lógica institucional que valorizava a influência sobre o avanço do conhecimento.

Com a expansão das universidades pelo continente, essas formas de reconhecimento se adaptaram às particularidades locais, ganhando nuances jurídicas e culturais distintas. Na Inglaterra, o modelo vinculou-se à tradição da coroa e à nobreza intelectual, enquanto na Península Ibérica, a Igreja desempenhou papel central na definição dos critérios de elegibilidade.

O termo latino *honoris causa* foi adotado universalmente não por acaso, mas porque expressava com precisão a natureza não técnica da concessão: não se tratava de um grau conquistado por esforço acadêmico direto, mas de uma honraria conferida em virtude de realizações fora do âmbito escolar.

Essa flexibilidade permitiu que o fenômeno atravessasse fronteiras e épocas, incorporando-se a sistemas educacionais diversos sem perder sua essência simbólica. Nos séculos XVIII e XIX, com o surgimento do Estado moderno e a profissionalização da ciência, as universidades passaram a usar esse mecanismo para reforçar sua legitimidade perante a sociedade civil.

A figura do agraciado deixou de ser apenas um benfeitor ou patrono para se tornar um representante de valores coletivos - inovação, coragem, serviço público. Essa transformação ampliou o alcance da prática, tornando-a uma ferramenta de construção de identidade institucional.

As condições que moldaram essa tradição permanecem presentes nas dinâmicas contemporâneas, embora os agentes e os contextos tenham mudado radicalmente. A globalização, a diversificação das fontes de conhecimento e a emergência de novas elites intelectuais desafiaram modelos antigos, exigindo reavaliações constantes sobre quem merece ser lembrado e por quê. A história revela que essa forma de celebração sempre foi mais do que um ato formal - foi um ato político, cultural e ético. Compreender suas origens é essencial para discernir os critérios que orientam sua aplicação hoje.

Essas transformações preparam o terreno para questionamentos mais profundos: como as instituições decidem quais trajetórias merecem ser elevadas? Que valores são realmente celebrados quando um nome é inscrito nesse rol? E como essas escolhas refletem ou desafiam as normas sociais vigentes? A resposta a essas indagações só será plenamente compreendida ao examinar os impactos reais dessa honraria sobre quem a recebe.

A IMPORTÂNCIA DO RECONHECIMENTO ACADÊMICO

O reconhecimento formal de contribuições excepcionais atua como um mecanismo de validação social que vai além da cerimônia. As instituições de ensino superior, ao conceder essa distinção, reafirmam princípios fundamentais como integridade, dedicação e impacto coletivo. Essa prática não se limita a celebrar indivíduos, mas também sinaliza aos públicos externos quais valores são essenciais para o progresso duradouro. Em contextos onde a credibilidade é frágil, tais atos fortalecem a confiança pública nas estruturas do saber.

Essas manifestações de apreciação moldam o ambiente cultural em que o conhecimento é produzido e disseminado. Quando figuras públicas com trajetórias fora do circuito tradicional recebem essa honraria, ampliam o horizonte do que é considerado legítimo dentro do campo intelectual.

A dinâmica entre academia e sociedade se transforma quando o reconhecimento se torna um ponto de conexão real, não apenas simbólico. Universidades que articulam essas homenagens com projetos de extensão ou políticas públicas criam ciclos virtuosos de reciprocidade. A presença de agraciados em fóruns comunitários, entrevistas ou iniciativas educacionais populares amplia o alcance das instituições e humaniza seu papel. Essa interação não é acidental: reflete uma estratégia consciente de vinculação entre saber e necessidade coletiva.

Os desafios contemporâneos exigem que esse tipo de celebração seja cuidadosamente planejado. A pressão por visibilidade, a influência de grupos de interesse e a crescente desconfiança nas instituições tornam a escolha dos homenageados um ato político delicado. Instituições que mantêm transparência nos processos de seleção, publicando critérios claros e comitês diversificados, conseguem preservar a legitimidade da honraria.

Essa forma de valorização também influencia a percepção futura sobre quem pode pertencer ao mundo intelectual. Ao incluir pessoas de áreas não tradicionais - como movimentos sociais, artes populares ou inovações locais - as universidades desafiam hierarquias estabelecidas e redefinem os limites do mérito. Esse movimento não é apenas inclusivo; ele enriquece a própria definição de conhecimento, tornando-a mais plural e contextualizada. O resultado é um campo acadêmico mais vibrante, capaz de responder às complexidades da realidade.

Diante disso, a função dessas distinções ultrapassa a mera celebração. Elas se tornam ferramentas de orientação cultural, indicando caminhos que merecem ser seguidos. A escolha de quem é homenageado reflete não apenas o passado, mas também as aspirações coletivas para o futuro.

Quando feita com responsabilidade, essa prática fortalece o contrato implícito entre a academia e a sociedade: o compromisso mútuo de buscar o bem comum por meio do saber. Essa relação, sustentada por evidências e ética, é o verdadeiro legado que permanece após as cerimônias.

O IMPACTO NA TRAJETÓRIA DOS AGRACIADOS

A concessão do título *Doutor Honoris Causa* transforma de forma duradoura o rumo profissional e pessoal de seus receptores, não apenas por ampliar sua visibilidade pública, mas por redefinir as expectativas que a sociedade passa a associar à sua figura. Pois há relatos expostos em entrevistas por nós efetuadas que, após a cerimônia, há mudanças profundas na forma como se enxergam, passando a avaliar suas ações sob uma perspectiva de maior responsabilidade coletiva.

Essa alteração interna não é meramente simbólica: ela influencia decisões cotidianas, desde a escolha de projetos em que participam até a seleção de parcerias institucionais. A

identidade de si mesmos como porta-vozes de valores mais amplos passa a fazer parte constante de sua narrativa pessoal.

Essa mudança interna se conecta a uma expansão real de redes de influência. Os agraciados frequentemente passam a integrar conselhos consultivos, comitês de políticas públicas e fóruns internacionais que antes lhes eram inacessíveis. Essas novas conexões não são apenas fontes de prestígio: elas abrem canais diretos para que suas competências tenham impacto prático.

Contudo, as pressões externas não são leves. A exposição midiática e a expectativa de liderança moral geram tensões que muitos não previram, bem como há o enfrentamento dos homenageados em conflitos éticos quando solicitados a apoiar causas que não compartilham plenamente, apenas por causa do peso simbólico da honraria. Essa pressão pode levar à imposição de limites rígidos ou, em casos extremos, ao afastamento temporário da vida pública. A dinâmica entre reconhecimento e responsabilidade torna-se um terreno complexo, onde o equilíbrio entre generosidade e autenticidade é constantemente posto à prova.

Esses fenômenos demonstram que a natureza dessa distinção ultrapassa o ato formal de outorga. Ela se torna um ponto de inflexão que reorganiza prioridades, redefine vínculos e reconfigura o propósito das contribuições futuras. O que começou como um gesto institucional acaba se transformando em um compromisso contínuo, muitas vezes silencioso e não remunerado.

A trajetória dos agraciados passa a ser interpretada não apenas pelos feitos anteriores, mas pela forma como eles respondem às novas demandas que surgem após o título. Esse processo não é linear nem previsível - cada resposta é moldada por contextos pessoais, culturais e históricos únicos.

Diante disso, fica claro que o valor dessa distinção reside menos na placa ou no diploma e mais nas transformações que ela provoca no comportamento e nas escolhas individuais. As instituições que a concedem precisam compreender que não

estão apenas celebrando um passado, mas inaugurando uma nova fase na vida de alguém cuja influência agora carrega um peso diferente.

Esse peso não é imposto apenas pelo exterior - ele é internalizado, negociado e, em muitos casos, assumido com profunda seriedade. A honraria, nesse sentido, funciona como um espelho: reflete quem a pessoa era antes e revela quem ela passa a ser depois.

Essa realidade prepara o terreno para uma investigação mais profunda: o que sente alguém ao receber tal reconhecimento? Como as emoções pessoais se entrelaçam com as exigências sociais? A próxima etapa deste caminho busca compreender os afetos subjacentes - aquelas vozes internas que ecoam após o aplauso cessar e que muitas vezes permanecem silenciosas nos discursos oficiais.

O impacto visível é apenas a ponta do iceberg; o que está abaixo da superfície é onde reside a essência mais verdadeira.

O QUE SIGNIFICA RECEBER A HONRARIA?

Receber o título de *Doutor Honoris Causa* é um momento que transforma a trajetória de quem o obtém, marcando não apenas o ápice de anos de dedicação, mas também o início de um novo papel social. Essa distinção vai além da celebração de conquistas individuais: ela implica a adesão a um conjunto de expectativas coletivas que se estendem muito além do mérito técnico ou intelectual. As instituições que outorgam essa honraria operam dentro de tradições seculares, mas suas decisões hoje são influenciadas por dinâmicas contemporâneas de visibilidade, impacto e credibilidade pública.

Essas condições revelam uma complexidade crescente entre o que é valorizado e o que é legitimado como relevante. Em diferentes contextos culturais, os critérios para escolha variam significativamente: em alguns ambientes, predomina a conexão com

a inovação científica; em outros, o compromisso com causas sociais ou a liderança em movimentos transformadores.

Esses padrões não são aleatórios: eles derivam de histórias institucionais, valores regionais e pressões externas que definem o que cada comunidade considera digno de reconhecimento. A ausência de um modelo universal torna essa prática particularmente rica para análise, pois expõe como sociedades distintas constroem seus próprios ideais de excelência.

A realidade enfrentada pelo agraciado envolve uma tensão constante entre sua identidade pessoal e as demandas impostas pelo novo papel assumido. Muitos descrevem esse momento como uma experiência ambivalente - ao mesmo tempo gratificante e onerosa - pois o título carrega consigo uma responsabilidade implícita de servir como referência. Não se trata apenas de manter um padrão de conduta, mas de se posicionar diante de questões públicas, mesmo quando fora da área de atuação direta.

Essa pressão é amplificada pela exposição midiática e pela expectativa de que o agraciado se torne porta voz de ideais maiores, muitas vezes sem ter sido consultado sobre essa função. Esses aspectos são moldados por fatores institucionais que nem sempre são transparentes. A seleção dos homenageados depende de processos internos, comitês específicos e agendas estratégicas que raramente são divulgadas publicamente. Embora existam diretrizes gerais, sua aplicação varia conforme a cultura da universidade e até as relações de poder internas.

Isso gera uma percepção difusa sobre a autenticidade do reconhecimento, especialmente em um momento em que a confiança nas instituições acadêmicas enfrenta desafios sem precedentes. A opinião pública pode ser afetada por rumores, associações políticas ou até por silêncios deliberados.

Essa situação exige uma compreensão mais profunda das motivações subjacentes - tanto das instituições quanto dos indivíduos. O que leva alguém a aceitar tal reconhecimento?

Como ele interpreta sua nova posição diante da sociedade? Essas perguntas não têm respostas únicas, mas sua exploração é essencial para entender os efeitos reais dessa prática. O impacto sobre a vida pessoal, profissional e ética do agraciado é profundo e multifacetado, e só pode ser plenamente avaliado quando se consideram as camadas emocionais, culturais e organizacionais envolvidas.

Essas dimensões preparam o terreno para investigações mais sensíveis, que explorarão as emoções que emergem nesse momento decisivo e as obrigações que acompanham tal distinção. A próxima etapa da análise mergulhará nos sentimentos que não aparecem nos discursos oficiais, mas que moldam as escolhas diárias de quem carrega esse peso.

Esse descompasso entre a autoimagem e a percepção externa gera tensões psicológicas sutis, raramente registradas em detalhes, mas constantemente observadas em entrevistas e relatos pessoais. A pressão para corresponder a um padrão inatingível pode levar à autocrítica severa e até ao silêncio deliberado sobre conquistas anteriores.

Essas tensões se ampliam quando o ambiente social atribui ao agraciado um papel de referência moral. As instituições acadêmicas não apenas entregam um símbolo, mas também criam um contexto coletivo no qual o indivíduo passa a ser visto como um portador de valores superiores.

Estudos sobre percepção social demonstram que figuras públicas reconhecidas são frequentemente interpretadas como modelos, mesmo quando não buscam esse status. O resultado é uma responsabilidade implícita, não negociada, mas imposta pela atenção coletiva e pela cobertura midiática.

Essa dinâmica se manifesta em comportamentos diversos: alguns reforçam sua atuação em áreas já conhecidas, enquanto outros buscam novos campos para provar autenticidade.

O peso dessa distinção não reside na placa ou na cerimônia, mas na forma como ela é internalizada e inter-

pretada pelo entorno. A sociedade, ao elevar alguém a esse patamar, não apenas celebra, mas também exige. O agraciado passa a habitar um espaço onde suas palavras são lidas como pronunciamentos e seus silêncios como posicionamentos.

Essa pressão não é uniforme: varia conforme o campo de atuação, a cultura local e o grau de visibilidade mediática. Em contextos onde a desconfiança nas instituições é alta, a honraria pode ser vista com ceticismo, aumentando o risco de descredibilização. Essas implicações afetam diretamente a trajetória futura do indivíduo.

A ausência de suporte psicológico estruturado para quem recebe essa distinção é evidente. Poucas universidades oferecem orientação sobre os efeitos emocionais e sociais que seguem a cerimônia. Isso significa que muitos enfrentam sozinhos os dilemas éticos e existenciais que emergem com o novo status. A falta de protocolos nesse sentido revela uma lacuna sistêmica: a celebração é ritualizada, mas a adaptação à nova realidade é deixada ao acaso.

Diante disso, torna-se urgente repensar o ciclo completo da homenagem. Não basta reconhecer contribuições passadas; é necessário preparar os agraciados para as responsabilidades que surgem no presente. Essa mudança exige uma nova abordagem, mais humana e menos cerimonial. A honraria deve ser vista como um ponto de partida para um compromisso contínuo, não como um fim em si mesma.

A RESPONSABILIDADE QUE ACOMPANHA O TÍTULO

O reconhecimento conferido por este título não se encerra na cerimônia. Ele se transforma em um compromisso contínuo, que exige coerência entre o valor simbólico e as ações concretas. As instituições que o outorgam também assumem uma responsabilidade, pois sua escolha transmite uma mensagem clara sobre o que consideram digno de celebração. Entre a comunidade acadêmica e o agraciado, estabelece-se um

contrato implícito: a credibilidade de ambos depende da fidelidade aos princípios que justificam a honraria.

Essa responsabilidade se manifesta de forma diferente conforme os contextos sociais e profissionais. Em ambientes onde o conhecimento influencia políticas públicas, a pressão por integridade é intensa. Nos setores voltados ao bem comum, como saúde e educação, a expectativa é ainda mais direta: o reconhecimento deve se traduzir em acesso, inclusão e transformação real.

Pesquisas sobre comportamento pós-homenagem mostram que indivíduos que mantêm atividades práticas após receber o título tendem a gerar impacto duradouro, enquanto aqueles cuja participação se limita a eventos formais perdem relevância ao longo do tempo.

Os desafios surgem quando o prestígio associado ao título é mal interpretado. Muitos confundem reputação com autoridade absoluta, esquecendo que a verdadeira legitimidade nasce da consistência e da humildade.

Quando isso ocorre, a honraria perde seu sentido e passa a ser vista como um símbolo de status, e não como um chamado à ação. Instituições que não revisam seus critérios com rigor correm o risco de alimentar esse fenômeno, ao premiar trajetórias que não demonstram engajamento sustentado com causas coletivas.

A responsabilidade não é apenas individual; ela é sistêmica. Cada escolha feita por quem carrega esse título influencia as percepções futuras sobre quem merece ser homenageado. Priorizar contribuições que promovem equidade, sustentabilidade e justiça social molda os padrões para as próximas gerações. Essa orientação já foi observada em universidades que alteraram seus processos de seleção, passando a avaliar impacto real e não apenas reconhecimento formal ou popularidade midiática.

Mudanças recentes em algumas instituições apontam para uma nova direção: valorizar iniciativas que ultrapassam

fronteiras disciplinares e atuam diretamente na melhoria da vida cotidiana. Isso exige uma redefinição do que significa contribuição significativa - menos foco em publicações isoladas, mais atenção a resultados tangíveis. Aqueles que aceitam o título com consciência tornam-se catalisadores, capazes de amplificar vozes silenciadas e mobilizar recursos onde eles são mais necessários.

Essa evolução revela uma verdade fundamental: o valor dessa distinção reside na sua capacidade de inspirar, e não apenas de celebrar. Sua força está na conexão entre reconhecimento e serviço contínuo. O futuro dependerá da capacidade das instituições de manter essa ligação viva e da disposição dos agraciados para não permitir que a glória se torne um fim em si mesma. Nesse cenário, a verdadeira herança não é o título em si, mas o legado que ele traz.

A honraria que vai além da cerimônia carrega consigo um compromisso que se expande além do indivíduo homenageado. Essa manifestação de reconhecimento público não se esgota no instante da outorga; ela se torna um ponto de inflexão, capaz de redefinir o rumo das ações, das escolhas e das prioridades de quem a recebe. A natureza desse reconhecimento exige que os beneficiários repensem seu papel na esfera pública, não como detentores de um símbolo, mas como agentes cujas decisões podem influenciar estruturas coletivas.

A percepção social dessa distinção amplia sua dimensão, transformando em um catalisador para ações que transcendem o âmbito pessoal. Essas condições geram efeitos duradouros nas instituições que a concedem, pois passam a ser vistas como guardiãs de padrões éticos e intelectuais.

O vínculo entre a universidade e o homenageado não é meramente simbólico; ele se concretiza em iniciativas, parcerias e programas que refletem os valores associados ao agraciado. Estudos sobre impacto institucional mostram que, após a concessão, há aumento significativo no engajamento com

causas sociais, na atratividade de programas de pós-graduação e na colaboração entre áreas do conhecimento.

Essas práticas não surgem por acaso, mas como resposta à expectativa de continuidade que a sociedade deposita nesse tipo de reconhecimento.

As consequências desse processo se espalham por gerações, moldando o ambiente acadêmico e cultural em que novos profissionais são formados. Quando figuras reconhecidas mantêm vínculos ativos com suas comunidades de origem, criam modelos de comportamento que inspiram estudantes e pesquisadores.

Esses exemplos vivos demonstram que a contribuição intelectual não se limita à produção científica, mas se amplia quando integrada ao compromisso com o bem comum. O legado dessas trajetórias é medido não apenas em publicações ou prêmios, mas na capacidade de mobilizar recursos, construir redes e sustentar diálogos que promovem transformação.

Esses padrões revelam uma dinâmica complexa entre autoridade moral e dever público. A reputação adquirida por meio dessa distinção impõe exigências implícitas: a necessidade de manter integridade, agir com transparência e permanecer acessível às vozes marginalizadas.

As instituições, por sua vez, enfrentam desafios crescentes para garantir que essa honraria não se torne um instrumento de legitimação superficial. A pressão por visibilidade midiática e por alinhamento com tendências populares pode distorcer os critérios originais, ameaçando a credibilidade do próprio sistema. Essa tensão exige reavaliações constantes e mecanismos robustos de avaliação.

Essa realidade coloca em evidência a importância de estratégias que conectem reconhecimento com ação sustentável. Muitos dos legados mais impactantes surgem quando o agraciado adota uma postura proativa, criando

fundações, promovendo bolsas ou apoiando projetos locais que ampliam o acesso ao conhecimento.

Essas iniciativas não são exceções; elas representam uma tendência crescente entre aqueles que compreendem o peso simbólico da distinção. A persistência dessas práticas demonstra que o verdadeiro valor dessa condecoração reside na sua capacidade de gerar ciclos virtuosos de contribuição.

Diante disso, emerge uma questão central: como garantir que esse tipo de homenagem continue sendo um motor de mudança autêntica e não apenas um ritual decorativo? As respostas estão nas escolhas individuais, nas políticas institucionais e nas expectativas culturais que envolvem esse tipo de reconhecimento.

O caminho futuro dependerá da capacidade de todas as partes envolvidas de manter viva a conexão entre prestígio e propósito. O que foi concedido como sinal de admiração precisa ser transformado em compromisso contínuo - e é nesse terreno que as próximas reflexões se aprofundarão.

A INTERSECÇÃO ENTRE HONRA E RESPONSABILIDADE

A concessão de um reconhecimento acadêmico de alto nível vai muito além de um ato simbólico. Ela estabelece um compromisso implícito que exige ação contínua. Quando uma instituição celebra uma trajetória extraordinária, não apenas homenageia o passado, mas também sinaliza expectativas para o futuro.

Nesse movimento, o prestígio se transforma num chamado à contribuição duradoura, onde o mérito individual se entrelaça com o dever coletivo. Essa relação se torna clara em contextos em que o conhecimento é mobilizado para enfrentar problemas sociais complexos, e não apenas para reforçar status.

Essa dinâmica exige que os agraciados assumam papéis ativos além dos espaços tradicionais de atuação. Muitos dos que

receberam essa distinção passaram a liderar iniciativas em áreas como educação pública, saúde acessível e preservação ambiental, guiados pela consciência de que sua influência foi ampliada pela própria honraria.

Como também esses indivíduos adotam novas formas de engajamento nos cinco anos seguintes à outorga Muitas vezes criando redes ou fundações que multiplicam o impacto de seu trabalho original. O reconhecimento, nesse sentido, age como um catalisador, acelerando a transição da excelência pessoal para a transformação coletiva.

As universidades, enquanto mediadoras desse processo, enfrentam desafios crescentes na avaliação de quem realmente merece essa distinção. Em um cenário marcado por ruído informativo e superficialidade nas narrativas públicas, validar contribuições genuínas tornou-se mais complexo.

Critérios antigos, baseados em visibilidade midiática ou conexões institucionais, já não são suficientes. Há uma demanda crescente por transparência nos processos de seleção, com exigência de documentos concretos, resultados mensuráveis e impactos verificáveis. Instituições que adotaram protocolos rigorosos de auditoria externa relatam maior credibilidade e menos controvérsias em suas decisões.

Essa prática reflete uma mudança profunda na percepção do papel da academia na sociedade contemporânea. Ela deixa de ser apenas guardiã do saber para se tornar agente de responsabilidade ética, capaz de orientar escolhas coletivas por meio de critérios claros e justos. A pressão por relevância social não é um fator externo, mas uma evolução natural do próprio valor atribuído ao conhecimento.

Quando o saber é desvinculado do bem comum, ele perde sua essência mais profunda. A função das instituições não é apenas selecionar, mas também acompanhar e incentivar a continuidade do propósito que motivou a homenagem.

Essa realidade impõe aos agraciados uma exigência silenciosa: manter-se alinhado aos princípios que justificaram a distinção. Não basta ter feito algo notável no passado; é preciso demonstrar que esse legado continua vivo nas ações presentes.

Esse imperativo é especialmente urgente em tempos de polarização e desconfiança nas instituições. Aqueles que aceitam esse peso tornam-se referências não apenas por suas conquistas, mas por sua coerência. A confiança pública se constrói não com discursos, mas com decisões consistentes, projetos tangíveis e compromisso duradouro.

Diante disso, a próxima fronteira não está apenas em definir quem merece ser homenageado, mas em criar mecanismos que garantam que a honraria não se torne um fim em si mesma. O verdadeiro teste reside na capacidade de transformar reconhecimento em mobilização. O caminho futuro exige sistemas de acompanhamento contínuo, parcerias estratégicas com comunidades e avaliações periódicas que conectem o passado ao presente.

Nesse contexto, a academia tem a oportunidade única de redimensionar seu papel — não como fonte de títulos, mas como fomentadora de responsabilidade compartilhada. Essa mudança define o próximo capítulo da missão educacional.

CONTRIBUIÇÕES INDIVIDUAIS PARA O BEM COMUM

Muitos agraciados relatam um profundo desconforto diante da magnitude do reconhecimento, especialmente quando sua própria percepção de si não corresponde à imagem idealizada que a sociedade constrói em torno deles. O reconhecimento acadêmico, quando verdadeiramente compreendido, torna-se um chamado para agir além dos próprios círculos de influência.

Quem recebe essa distinção não é apenas homenageado por conquistas do passado, mas convocado a ampliar seu impacto no tecido social. Essa responsabilidade não se limita a

discursos ou presença simbólica. Exige engajamento contínuo, decisões alinhadas ao interesse coletivo e coragem para desafiar estruturas que mantêm desigualdades.

Nesse sentido, a honraria atua como catalisador, intensificando a capacidade de transformar conhecimento em soluções sustentáveis.

Essa dinâmica se manifesta em diversas esferas da vida pública, desde políticas educacionais até iniciativas de saúde. Estudos mostram que indivíduos com grande visibilidade institucional exercem influência significativa na definição de prioridades sociais, especialmente quando usam sua posição para dar voz a grupos marginalizados.

Em contextos em que a desinformação enfraquece a confiança nas instituições, a credibilidade acumulada por esses agentes torna-se um recurso raro e valioso. A forma como esse capital simbólico é utilizado define se ele serve como ponte ou como barreira entre o saber e a justiça social.

As práticas que emergem desse compromisso variam conforme o campo de atuação, mas compartilham um traço comum: a priorização do bem coletivo sobre interesses particulares. Alguns direcionam recursos para comunidades carentes, outros reformulam currículos para incluir perspectivas historicamente excluídas.

Há, ainda, aqueles que dedicam tempo à mediação entre cientistas e cidadãos, traduzindo complexidades técnicas em linguagens acessíveis. Essas ações, embora distintas em forma, convergem em propósito: transformar o conhecimento em ferramenta de emancipação e não apenas de distinção.

Esses comportamentos não são exceções isoladas. Refletem uma tendência crescente entre líderes que reconhecem os limites da academia quando isolada da realidade vivida pela maioria. Pesquisas recentes indicam que instituições que vinculam reconhecimento formal a compromissos concretos

com a sociedade registram maior ressonância pública e impacto duradouro.

O valor dessas distinções não reside no título em si, mas na cadeia de consequências que ele desencadeia — na escolha de falar quando é mais fácil permanecer em silêncio, na decisão de investir tempo em que não há retorno imediato, na persistência diante da indiferença.

Esse padrão comportamental não pode ser imposto por regulamentos nem medido apenas por indicadores quantitativos. Ele nasce de uma consciência profunda sobre o peso da influência e da ética que a acompanha. Aqueles que internalizam essa responsabilidade passam a agir não porque são esperados a fazê-lo, mas porque entendem que o conhecimento, quando desvinculado do serviço à humanidade, perde seu sentido mais elevado. A transformação real ocorre quando o reconhecimento externo se torna um espelho interno que guia decisões cotidianas.

Diante disso, cabe aos que receberam essa distinção refletir: qual será o legado que transcenderá o discurso da cerimônia? A resposta não está nos prêmios futuros ou nas listas de afiliação, mas nas vidas tocadas, nos sistemas alterados e nas gerações inspiradas.

A verdadeira medida dessa honraria é aquilo que permanece quando o nome já não é mencionado nos boletins oficiais - o que foi construído, o que foi mudado e o que foi deixado como exemplo para outros agirem sem necessidade de reconhecimento. Esse é o núcleo mais profundo da missão.

Belo Horizonte (MG), janeiro de 2026.

DISCURSO DE RECEBIMENTO DO TÍTULO DE DOUTOR HONORIS CAUSA EM HISTÓRIA IMPERIAL BRASILEIRA

Dr. h. c. mult. Carlos Augusto Furtado Moreira

Excelentíssimo Senhor Presidente da Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências, Letras e Artes, Ilustres membros da Diretoria, Digníssimos Acadêmicos e Acadêmicas, Autoridades civis e militares, Senhoras e Senhores.

Recebo, nesta noite de elevada significação histórica, o Título de *Doutor Honoris Causa* em História Imperial Brasileira com o espírito tocado pela gratidão e com plena consciência da responsabilidade que tal distinção encerra.

Não o recebo como exaltação pessoal. Recebo-o como reconhecimento de uma jornada construída sobre disciplina, estudo contínuo, compromisso institucional e amor profundo ao Brasil - esse Brasil que nasceu colônia, consolidou-se Império e reinventou-se República, sem jamais perder a essência de sua unidade.

Sou filho de José de Ribamar Moreira e Isabel Furtado Moreira. De meu pai herdei o senso de honra; de minha mãe, a sensibilidade humana. Cresci compreendendo que títulos passam, mas caráter permanece. Se hoje esta honraria me alcança, ela repousa sobre os ombros daqueles que me ensinaram que o verdadeiro mérito nasce do serviço, da constância e da fidelidade aos princípios.

Minha formação militar na Polícia Militar do Maranhão moldou-me na disciplina e na responsabilidade institucional. Minha formação acadêmica - no Direito, na História, na Gestão Estratégica, na Defesa Social, na Segurança Pública e na mediação de conflitos - conduziu-me à reflexão crítica. A literatura, por sua vez, concedeu-me o espaço da transcendência, permitindo-me compreender que a História

não é apenas sucessão de fatos, mas construção simbólica da identidade coletiva.

Talvez seja justamente essa confluência - o militar, o historiador e o poeta - que me levou a olhar o Brasil Imperial não apenas como período cronológico delimitado entre 1822 e 1889, mas como estrutura fundacional do Estado Nacional.

A História Imperial Brasileira é a argamassa que consolidou fronteiras, estruturou instituições, organizou códigos jurídicos, afirmou a diplomacia e moldou uma identidade política singular no contexto latino-americano. Enquanto grande parte da América Hispânica fragmentava-se em múltiplas repúblicas, o Brasil preservava sua unidade territorial - fenômeno que exige análise técnica, despida de paixões ideológicas e enriquecida por rigor metodológico.

Dom Pedro I representou a ruptura necessária; Dom Pedro II, a continuidade institucional. O Segundo Reinado, com suas virtudes e limitações, proporcionou estabilidade política relativa, estímulo às letras, incentivo à ciência e abertura ao pensamento internacional. O monarca que patrocinou estudos, dialogou com intelectuais estrangeiros e valorizou a instrução pública tornou-se símbolo de uma era em que cultura e Estado caminharam de forma integrada.

Como maranhense, não posso olvidar o papel singular de nossa Província. O Maranhão, cuja adesão à Independência ocorreu apenas em 1823, revela as complexidades econômicas e geopolíticas do processo emancipatório. A Balaiada, por sua vez, expôs tensões estruturais profundas - sociais, econômicas e políticas - que permanecem objeto de estudos e revisões historiográficas.

O Império também estruturou as forças armadas nacionais, superando a lógica fragmentária provincial. A Guerra do Paraguai, episódio doloroso e decisivo, redefiniu o papel do Exército e projetou o Brasil no cenário internacional. Como oficial da Polícia Militar, sempre observei com atenção a gênese das instituições de ordem pública, cuja sistematização

encontrou no período imperial fundamentos jurídicos e administrativos duradouros.

Estudar o Império é estudar o Código Criminal de 1830, o Código Comercial de 1850, o Conselho de Estado, o Poder Moderador, o parlamentarismo às avessas - institutos que continuam a provocar debates entre juristas e historiadores. É compreender que o Estado brasileiro foi sendo edificado gradualmente, por meio de ajustes, crises e pactos institucionais.

A abolição da escravidão, formalizada pela Lei Áurea em 1888, representou marco jurídico e moral decisivo, ainda que não acompanhado de políticas estruturantes capazes de reparar desigualdades históricas. Eis por que o historiador deve exercer análise honesta: reconhecer avanços sem ocultar contradições.

Não se trata de idealizar o Império. Tampouco de demonizá-lo. Trata-se de compreendê-lo.

Minhas obras literárias - crônicas, reflexões e poemas - dialogam com a memória, com a ética pública e com os fundamentos da identidade nacional. Sempre defendi que a História não é museu estático; é instrumento de consciência e responsabilidade.

Como Presidente da Academia Maranhense de Ciências, Letras e Artes Militares e da Academia de Letras dos Militares Estaduais do Brasil, tenho afirmado que cultura é extensão da cidadania. A farda não exclui a reflexão; ao contrário, deve elevá-la. O militar também é intelectual quando compreende que defender a Pátria é preservar sua memória.

Neste momento solene, é com elevada consideração e profundo respeito institucional que registro o papel indiscutível e de eminente relevância exercido pela Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências, Letras e Artes (Febacla) no cenário científico, literário e artístico nacional. Ao reconhecer e distinguir personalidades que se destacam nos diversos campos do saber, a Febacla cumpre, com nobreza e rigor, sua missão de fomentar, preservar e engrandecer a cultura brasileira.

Seu augusto instituidor, Dom Alexandre da Silva Camêlo Rurikovich Carvalho, cuja atuação transcende fronteiras e campos de saber, projeta-se como referência nacional e internacional na promoção da cultura. Sua liderança, marcada por densidade humanística e incansável dedicação, inscreve-se como contribuição relevante à cultura contemporânea.

Ser agraciado com reconhecimento oriundo de tão respeitável instituição representa integrar um seleto conjunto de homens e mulheres comprometidos com a edificação do patrimônio cultural brasileiro. Recebo, portanto, com honra singular, não apenas o Título de *Doutor Honoris Causa* em História Imperial Brasileira, mas também a Medalha Comemorativa alusiva ao Bicentenário de Nascimento de Sua Majestade o Imperador Dom Pedro II e a Menção Honrosa Destaque Nacional.

A expressão *Honoris Causa* significa “por causa da honra”. E honra, para mim, não é ornamento retórico; é princípio estruturante. Recordo, mais uma vez, as palavras de meu pai: *Meu filho, siga sempre o caminho da honradez, seja sereno em suas atitudes, faça o bem e esteja certo de que o reconhecimento do Criador nunca falhará.*

Se este reconhecimento hoje me alcança, atribuo-o à fidelidade a esse ensinamento.

A História é mestra da prudência. Ensina que rupturas precipitadas geram instabilidade; que instituições sólidas garantem continuidade; que identidade nacional constrói-se com memória e responsabilidade.

Sem memória, não há identidade.

Sem identidade, não há projeto de futuro.

Que possamos estudar o Império com maturidade historiográfica.

Que possamos reconhecer seus acertos sem ignorar suas falhas.

Que possamos compreender que a Nação é obra contínua, jamais concluída.

Recebo esta distinção com humildade e com a firme disposição de honrá-la por meio do trabalho intelectual sério, permanente e comprometido com a verdade histórica.

Muito obrigado.

Que Deus abençoe o Brasil.

São Luís (MA), fevereiro de 2026.

PARA SE PENSAR UMA TRAJETÓRIA HONORIS CAUSA

Prof. Dr. Dr. h. c. mult. Jadson Porto

Boa noite!

Há três décadas venho exercendo reflexões geográficas sobre a Amazônia setentrional brasileira, em especial foco no Estado do Amapá, sua condição frontereira e suas intenções de desenvolvimento pós-1943, quando foi criado como Território Federal, visando responder à minha questão orientadora: *O que é Amapá?*

Integro o quadro permanente da Universidade Federal do Amapá (Unifap) como docente desde 1994, quando participei de seu primeiro concurso. Outrora, esta instituição de ensino superior era um Núcleo Avançado da Universidade Federal do Pará (1990-1994). A partir de então, publiquei livros (48), capítulos de livros (59), artigos em periódicos (45) e, trabalhos completos em anais (32); orientações de mestrado (12) e coorientação de doutorado (1); como também foram executadas e supervisões pós-doutorais (3) concluídos até 2025. Em 2005, meu projeto de pesquisa em Maracá (Mazagão, AP) recebeu o Prêmio Santander - Responsabilidade Social.

Nesse período, também tive a oportunidade de: vivenciar intensas transformações territoriais, econômicas e urbanas, no Estado do Amapá; as reconfigurações urbano-metropolitana de sua capital em suas espacialidades, territorialidade e institucionalidade; bem como novas acionalidades para além do extrativismo mineral historicamente estabelecida.

No desafio de responder a questão orientadora acima indicada, percebi que efetivamente temos vários “*Amapás*”. Sob esta orientação, tive a oportunidade de executar uma série de investigações sobre este Estado e construir uma rede de pesquisa para entender este espaço, nos mais variados aspectos, sendo o Observatório das Fronteiras do Platô das Guianas (Obfron) e o

Mestrado em Desenvolvimento Regional (PPGMDR) os mais relevantes.

Exerci, também, em diversas oportunidades de contribuir na construção da Unifap como Coordenador de curso de graduação e de pós-graduação *stricto sensu*; Diretor do Departamento de Pesquisa; Membro do Conselho Universitário; Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-graduação. Isso me permitiu a adquirir uma experiência sobre as políticas e as dinâmicas da ciência e tecnologia do/no Estado do Amapá. Fora do ambiente universitário, atuei como Diretor-Presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amapá, àquela época, conhecida como Fundação Tumucumaque.

Na minha trajetória de professor-pesquisador efetivo na Unifap, as inquietações passaram para angústias investigativas. *Inquietações* porque muito ainda há para se pesquisar sobre o Amapá. *Angústias*, porque as limitações de toda ordem para se fazer ciência no Amapá, na Amazônia, são cada vez mais evidenciadas, e porque se busca entender a construção de um Estado em construção.

Na caminhada em rotas literárias não científicas, onde outras descobertas emergem, tais como a coordenação de uma atividade de extensão intitulada *Arco e flecha no meio do mundo*, quando tive a oportunidade de ser instrutor de arqueria e representando o Brasil em um torneio mundial de arqueria em Godolo, Hungria (2015). A outra atividade diz respeito à minha indicação para integrar-me à Academia de Letras José de Alencar (Curitiba – Paraná) e à Academia Amapaense de Letras (Macapá, Amapá).

Em 2019, defendo o meu Memorial para Professor Titular na Unifap. Nesta obra, intitulada *Entre o tempo e o limite, entre andanças e descobrimentos*, exponho 25 anos de atividades investigativas e de docência, apresentando algumas reflexões oriundas das pesquisas e de orientações de graduação, iniciação científicas e mestrado por mim executados.

Na escala local, orientandos meus foram destaques em premiações de iniciação científica na Unifap; bem como recebi o

título de *Pesquisador Destaque – 2021*, pela Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado do Amapá (Setec), 25 anos após início de minhas atividades investigativas neste ente federativo.

Em 2022, assumo cadeiras na Academia de Letras José de Alencar - ALJA (Curitiba, PR) e na Academia de Letras do Amapá - AAL (Macapá). Nesse mesmo ano, também fui apresentado à Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências, Letras e Artes (Febacla) por três de seus integrantes da seção Amapá (O Duque Jack Correia, o Marquês José Pastana e a Baronesa Sânzia Fernandez), sendo que, com os dois primeiros integramos a AAL, ao passo que a Baronesa assumiu este silogeu em 2025. Sempre nos encontrávamos em eventos culturais em Macapá.

Em 2025, a Baronesa indicou meu nome para receber o título nobiliárquico de Marquês à Casa Real e Imperial dos Godos de Oriente e que contou com o apoio e anuência do Duque Jack Correia e do Marquês José Pastana. Após análise do comitê avaliador da Casa Real, presidida por sua Alteza Dom Alexandre da Silva Camêlo Rurikovich Carvalho, foi aprovada a proposta, sendo condecorado em 12 de dezembro, no evento alusivo ao Bicentenário de Nascimento do Imperador D. Pedro II, na Câmara dos Vereadores de Niterói (RJ), reconhecida como *Cidade imperial*, em 1814.

Inserido na rede da Casa Real e na Febacla, constantemente recebia recomendações para submeter meu nome à concorrer às Comendas apresentadas pela Febacla, por editais. Pois havia o entendimento de integrantes dessas redes que eu possuía a características e condições exigidas pelos editais lançados. Dentre eles destaque os alcançados em 2025: a Comenda Galileu Galilei; a medalha e o prêmio comemorativo ao Bicentenário de Nascimento do Imperador D. Pedro II; a Comenda Caneta de Ouro, dentre outros.

Em 2026, também fui estimulado a submeter meu nome ao título de *Doutor Honoris Causa*, pois além da análise curricular já efetuado e às indicações outrora efetivadas, houve o entendimento que eu teria todas as condições necessárias para

receber o referido título. A outorga que recebo hoje é a primeira das outras cinco que receberei em breve, seno duas delas internacionais. Após análise por outros Comitês Avaliadores, fui agraciado, também, com as Comendas *Caneta de Ouro*, de *Belas Belas* e *Vitória Régia*.

Há cerca de 40 anos, enquanto estudante universitário, conheci pessoas em seus inícios de carreiras científicas e profissionais, que um dia eram desconhecidos distantes, seja espacialmente, seja em suas relações pessoais e profissionais, que se encontraram. Depois de um breve contato, seguiram suas caminhadas. Nunca mais se encontraram naquele local, mas em outros. Também com breves contatos.

A amizade pessoal e o respeito profissional foram marcantes em todos os encontros. Até que quase quatro décadas depois, somos condecorados na mesma instituição e evento, mesmo com caminhos e rotas distintas. Minhas saudações a José Ayrton Labegalini, Valdenira Ferreira dos Santos, Odete Silveira (*In memoriam*) e Raullyan Borja Lima e Silva (*In memoriam*).

Agradeço a Deus por todas as bênçãos concedidas; aos meus familiares, por todo apoio dispensado; à Unifap, pelo apoio institucional em meu crescimento profissional; aos alunos e colegas de trabalho, com seus constantes questionamentos sobre as pesquisas executadas; aos amigos, pelas conversas estimulantes; à Febacla e ao Centro Samarthiano de Altos Estudos Filosóficos e Históricos (CSAEFH) e sua Comissão Avaliadora por aprovarem o pleito e, àqueles que me estimularam na construção de tudo aquilo que me permitiu ser agraciado pelo honroso título.

Até a edição deste livro, foram concedidos 17 Títulos de Doutor *Honoris Causa* no Estado do Amapá entre 2019 - janeiro de 2026, sendo dois pela Universidade Estadual do Amapá, quatro pela Universidade Federal do Amapá e 11 pela Febacla, sendo o advogado Adaian Lima de Souza o primeiro a ser outorgado em Dr. h. c. em Ciências Jurídicas.

Daqueles 17 títulos concedidos, seis são de personalidades com doutorado (condição esta não necessária para receber o

Honoris Causa). Destes, três atuam na pós-graduação *stricto sensu* da Universidade Federal do Amapá e um é póstumo.

Para o caso dos outorgados pela Febacla, considerando, as áreas de conhecimento, as concessões foram para: Literatura (2); Educação (4); Ciências da Natureza (2); Ciências Jurídicas (1); Belas Artes (1) e; Geografia (1). Com esta configuração, o caso amapaense é bem diversificado. Mostrando interesses não pontuais nas áreas de conhecimento.

Isso cria um impacto absolutamente positivo àqueles que conheceram as personalidades outorgadas; cria curiosidades para se conhecer a instituição; e percebe-se que seus reconhecimentos são externos, pois a Febacla não é local, embora possua uma seção em Macapá.

Acrescente-se, também, que o silogeu acima foi o único que concedeu o *Honoris Causa in memoriam*. É a única instituição que possui tal postura, de reconhecimento de seus protagonismos locais. Segundo o seu presidente, Dom Alexandre Rurikovich Carvalho,

Essas homenagens reafirmam o protagonismo intelectual do Amapá e valorizam contribuições relevantes para o desenvolvimento científico, educacional e cultural. As homenagens póstumas constituem uma característica inerente à FEBACLA, que se destaca como instituição singular ao reconhecer, com respeito e responsabilidade histórica, os protagonismos locais.

Isso é bom, pois permite à Febacla a montar uma estrutura plural e diversa em comissões *Dr. h. c.*

E agora? O que representa ser agraciado com o *Doutor Honoris Causa* para mim?

- A concessão do título é muito recente no Amapá, sendo a primeira outorgada foi em 2019;

- Considerando a área de conhecimento, as concessões efetuadas pela Febacla são bem diversas: Literatura (2); Educação (4); Ciências da Natureza (2); Ciências Jurídicas (1); Belas Artes (1) e; Geografia (1);

- Muito há para se aprender sobre o seu significado para a escala local, porque pouco se tem reconhecido sobre o porquê das personalidades serem indicadas, independentemente de suas titularidades acadêmicas, mas de se privilegiar o seu contributo na construção social, cultural, acadêmico, político, tanto em seus contextos local, regional, nacional e/ou internacional;

- Após repensar e rever a minha história como intelectual com cinco pós-doutorados, Professor Titular da Unifap e; provocador de novas reflexões sobre a dinâmica geográfica amapaense para além das orientações técnicas e definições estabelecidas em sua institucionalidade, este título consolida minha construção intelectual enquanto pesquisador, professor, questionador e provocador de reflexões fora dos muros da Unifap, seja em palestras ou em entrevistas na mídia local;

- Apresenta-me como uma percepção que não enxergava, enquanto percorro a estrada da construção de conhecimentos de meu objeto de estudo, embora ter percorrido o difícil caminho da pesquisa em um Estado considerado periférico, é estratégico! Exatamente porque muito há para se percorrer e descobrir neste magnífico espaço;

- Ampliam-se as responsabilidades de fortalecer a construção social de acesso ao conhecimento e às informações, repensando as (des)construções das espacialidades em suas territorialidades, temporalidades, institucionalidades, inte(g)rabilidades e acionalidades.

Por fim, sem as perguntas feitas por meus alunos, não teria feito outras perguntas para melhor explicar as respostas. Mesmo com todos os avanços efetuados nesta trajetória, os caminhos e as rotas percorridas não chegaram ao fim. Muito há para percorrer e descobrir o que há após a próxima curva desta estrada.

Sinto-me absolutamente honrado por ter sido agraciado.

Macapá (AP), fevereiro de 2026.

DOUTOR HONORIS CAUSA PARA AS FRONTEIRAS INDÍGENAS NA AMAZÔNIA

Prof. Dr. Dr. h. c. Edson Damas da Silveira

A par da gratidão pelo título de *Doutor Honoris Causa* conferido a mim pela Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências, Letras e Artes - Febacla, muito me **HONRA** aludida homenagem, porque - na própria acepção do que significa ter sido escolhido "por causa de honra" - se reconheceu dedicação de mais de trinta anos da minha vida ao trabalho e pesquisa num estado da Amazônia Brasileira poucas vezes lembrado, com elevada densidade de população indígena e fronteiriço a outros dois países estrangeiros.

Imagino que Roraima para os demais brasileiros - confundido muitas vezes com Rondônia e que poucos sabem distar quatrocentos quilômetros para além de Manaus - venha sendo atualmente conhecido como aquele estado onde ocorreu a controversa demarcação da Terra Indígena Raposa Serra do Sol, assim como por onde se negligenciou atividade garimpeira ilegal e criminosa dentro da Terra Indígena Yanomami, com prejuízos ambientais e sociais irreparáveis para o resto da humanidade.

Esse foi o local que escolhi para viver e ser enterrado, constituir família e quiçá deixar algum legado. Infelizmente não tive a felicidade de ter nascido *macuxi* (etnia majoritária local e como carinhosamente se designam as pessoas naturais de Roraima), mas com o passar dos anos me restaram conferidos títulos de cidadão roraimense pela Assembleia Legislativa, assim como cidadão boa-vistense pela Câmara de Vereadores.

Como dizem por aqui e sem embargo desses últimos títulos conferidos, sou um cidadão RORAIMADO, porquanto apaixonado por esse atípico e importante espaço amazônico.

Deixei meu Paraná de origem e me radiquei definitivamente em Roraima. Mesmo atualmente aposentado e podendo me estabelecer em qualquer outro lugar, não saio mais daqui.

Chegando em Roraima no ano de 1993, acabei aprovado em primeiro lugar no concurso para promotor de justiça e, no ano seguinte, em quarto lugar para a magistratura estadual. Permaneci no Ministério Público e por lá galguei todos os cargos e funções possíveis dentro da carreira, inclusive a mais alta responsabilidade de Procurador Geral de Justiça por dois mandatos consecutivos.

Em razão das minhas funções ministeriais é que me aproximei dos povos indígenas da região, inestimável riqueza socioambiental e cultural por grande maioria desconhecida, desrespeitada e ainda desconsiderada pelo Estado Brasileiro. De acordo com o censo de 2022, aproximadamente dezesseis por cento da população de Roraima se declararam indígenas, contra nem meio por cento do restante dos brasileiros.

Significa dizer que Roraima é o estado proporcionalmente mais indígena do Brasil, até porque temos homologadas trinta e três terras indígenas, correspondentes a quarenta e seis por cento do respectivo território. Minha função institucional na defesa dos direitos e interesses desses povos me fez enveredar necessariamente para o mundo acadêmico.

Em busca de sólida formação intelectual voltada para essa específica demanda institucional, tive que me aproximar inevitavelmente das atividades universitárias, considerando que leciono ainda em Roraima desde que cheguei naquela terra. Inobstante ter me envolvido diretamente com essa realidade regional, surgiu nos últimos anos nova problemática e que diz respeito diretamente à proteção de outro grupo de pessoas vulneráveis e

hipossuficientes, quais sejam, os migrantes venezuelanos que adentraram ao Brasil em massa e partir do ano de 2016.

Consabidamente Roraima possui dois mil quilômetros de fronteiras somente com a lindeira Venezuela, sendo que aproximadamente cem quilômetros se revelam por território seco, demarcados verdadeiramente por “riscos no chão”. Nossa fronteira aberta e deficiente de fiscalização com aquele país nos permitiu receber milhares de migrantes refugiados, quer pela condição econômica da Venezuela, quer por perseguição política reconhecida.

Essa fluidez nas fronteiras amazônicas sempre foi garantida aos povos originários, que não encontram restrições ao seu modo de vida e muito menos à liberdade de locomoção entre os territórios nacionais. Legalmente e desde o ano de 1978, por intermédio do Tratado de Cooperação Amazônica, aos indígenas se garantiu o direito de circularem pelas fronteiras e permanecerem convivendo com seus parentes, onde quer que estejam.

Entretanto, por obra da grave crise política e econômica que assolou a Venezuela, assistimos ocorrer a partir do ano de 2016 acelerado fluxo migratório em direção ao território brasileiro, muitos vindos em busca de assistência à saúde e procurando alimentar seus familiares. Por questões humanitárias, o Estado Brasileiro assumiu a responsabilidade de acolher nossos *hermanos* necessitados, tendo eu representado ativamente minha instituição na formulação, projeto e implantação da “Operação Acolhida” em Roraima no ano de 2018 e capitaneada pelo Exército Brasileiro.

Acrescente-se ao ingrediente “migração” ainda a leva de outros indígenas que adentraram por Roraima, particularmente das etnias Warao, Eñepá, Kariña e Wayúu., não necessariamente

ocupantes das mesmas fronteiras e vindos de outras partes da Venezuela, todos também albergados pela nossa “Péração Acolhida”.

Trabalhei naquela missão até minha aposentadoria, no ano de 2022. Por último, presenciei e vivi ativamente uma crise dentro de outra crise. Migração venezuelana desenfreada a partir de 2016, com forte influxo sobre a epidemia do “coronavírus” (COVID-19) a partir do ano de 2019 em território brasileiro. Tivemos que rapidamente adaptar o hospital de campanha do exército brasileiro montado para recepção aos venezuelanos para também atendermos brasileiros.

Milhares de vidas foram salvas e com eficiência montamos dentro do hospital de campanha ampliado do Exército uma ala exclusivamente para atendimento dos indígenas. Providenciamos enfermaria com redários, cozinha adaptada aos hábitos alimentares dos indígenas e ainda barracas ao fundo para acomodação dos seus familiares.

Em que pese já possuir todos os títulos acadêmicos possíveis e dentro do Brasil (especialização, mestrados, doutorado e pós-doutoramento), penso que foi por essa experiência de vida e trabalhos humanitários realizados nas fronteiras da Amazônia Brasileira que me credenciaram ao *Doutor Honoris Causa*, presentemente conferido.

Essa distinção acadêmica mais elevada, normalmente concedida por universidades e instituições ligadas ao ensino para personalidades notáveis, mesmo sem graduação, se notabilizou pelo mundo e no anseio de se reconhecer pessoas que realizaram contribuições excepcionais à sociedade, cultura, artes ou ciências. Ela simboliza reconhecimento supremo, prestígio social e destaque no âmbito acadêmico, muito embora

não seja um grau universitário para fins de exercício de profissão técnica ou docência oficial.

Representa o reconhecimento formal de vida dedicada a uma causa, projeto social, ou produção artística/cultural relevante, valorizando saberes empíricos e trabalhos realizados em prol da sociedade. *Doutor Honoris Causa* consagra o saber e relevância social dessa pessoa, marcando-a como uma autoridade em sua área de atuação e notadamente perante a comunidade universitária.

Mas honestamente, não me sinto essa pessoa especial e dignificada pelos trabalhos realizados nas fronteiras da Amazônia Brasileira. Tudo acabou sendo feito por obra das minhas atribuições profissionais, com forte motivação cristã e por amor ao próximo. Basta conhecer a realidade indígena do nosso país para verdadeiramente se apaixonar pela causa.

Confesso que nesses anos todos de dedicação à proteção dos direitos e interesses desses povos, me fez uma pessoa mais feliz, agradecida pela oportunidade de convivência e conformada por algumas frustrações de ordem econômica. Enquanto amigos que chegaram comigo preferiram ocupar terras na Amazônia com plantações de arroz, milho e soja, preferi me estabelecer na região a fim de plantar esperança, assistência e carinho na vida daquelas pessoas. E não me arrependo disso.

Muito agradecido, mesmo, pela honraria recebida!

Boa Vista (RR), fevereiro de 2026.

SOBRE OS AUTORES

- **Alexandre da Silva Camêlo Rurikovich Carvalho:** Licenciado em História e Filosofia, tecnólogo em Eventos e bacharel em Direitos Humanos. Possui formação especializada em nível de pós-graduação nas áreas de História do Brasil, História Antiga e Medieval, Filosofia, Ciências Políticas, Jornalismo, Docência do Ensino Superior, Produção Cultural e Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural, entre outros campos do conhecimento humanístico e social. Desenvolve trajetória acadêmica marcada pela interdisciplinaridade, com produção intelectual voltada principalmente aos estudos históricos, filosóficos, culturais, patrimoniais, aos direitos humanos e à diplomacia cultural. É coautor de mais de quarenta obras literárias, além de atuar como colunista do Jornal Cultural ROL. Foi reconhecido por *Notório Saber em Filosofia* pelo Instituto Universitas Ecclesiae do Brasil. Detém centenas de títulos honoríficos, medalhas, comendas e condecorações outorgadas por instituições nacionais e internacionais de natureza acadêmica, cultural e diplomática. É detentor do título de *Doctor of Humane Letters (D. H. L.)* pela Logos University International (Unilogos) e de *Doctor of Philosophy in Peace (Ph.D.)* pela International University of Higher Martial Arts Education, além de possuir vinte e oito (28) títulos de *Doutor Honoris Causa*, concedidos por instituições acadêmicas brasileiras e estrangeiras, em reconhecimento à sua atuação intelectual, cultural e institucional. Atua como Agente de Representação Diplomática Dinástico-Cultural, com *status* de Embaixador Honorário da Organização Internacional de Diplomacia Cultural, desenvolvendo atividades voltadas à promoção do diálogo intercultural, da memória histórica e da cultura de paz. Atualmente, exerce as funções de Presidente da Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências, Letras e Artes (Febacla) e Diretor do Centro Sarmathiano de Altos Estudos Filosóficos e Históricos (CSAEFH), instituições dedicadas à promoção da ciência, da cultura, das artes, da filosofia e da preservação do patrimônio histórico e intelectual brasileiro. *Professor Doutor Honoris Causa Multiplex.*

- **Anita Zippin:** Jornalista, trabalhou nos jornais Gazeta do Povo, Jornal do Estado e Jornal Indústria e Comércio do Paraná e foi assessora jurídica do Instituto de Previdência do Estado de Santa Catarina. Integra a Associação dos Diplomatas da Escola Superior de Guerra, a Associação de Senhoras de Rotarianos de Curitiba-Sul, a Associação Nacional das Mulheres de Carreira Jurídica e a Associação das Diplomadas no Curso de Extensão Cultural da Mulher e recebeu o título de Vulto Emérito de Curitiba. No campo cultural, participa do Centro Paranaense Feminino de Cultura, da Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil, do Centro de Letras do Paraná, Advogada, Presidente da Academia de Letras José de Alencar (ALJA), integrante da cadeira

de nº 7, cujo patrono é o Jornalista Roberto Campos. *Doutora Honoris Causa em Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural.*

- **Carlos Augusto Furtado Moreira:** Coronel Veterano da Polícia Militar do Maranhão (PMMA); É articulista, compositor, músico, cronista, pesquisador e poeta, reunindo o rigor da caserna à sensibilidade das letras. Bacharel em Direito e em Segurança Pública, Licenciado em História, possui especializações em Cidadania, Direitos Humanos e Gestão da Segurança Pública; Gestão Estratégica em Defesa Social; além de Pós-graduações em Superior de Polícia e Aperfeiçoamento de Oficiais. É Mestrando em Resolução de Conflitos e Mediação. Coordena e organiza publicações culturais e acadêmicas, com participação ativa na Amclam, Almebras e Falma, onde exerce funções de liderança no biênio 2024-2026. Detentor de diversas condecorações nacionais e internacionais, destaca-se pela atuação nas áreas de Defesa, Estratégia, Segurança Pública, Direito, Cultura e Literatura. *Doutor Honoris Causa multiplex.*

- **Edson Damas da Silveira:** Advogado e consultor jurídico. Vice Reitor da Universidade Estadual de Roraima (UERR). Membro aposentado do Ministério Público do Estado de Roraima (MPRR). Procurador de Justiça. Foi Presidente da Associação dos Membros do Ministério Público do Estado de Roraima, Vice Presidente Regional da Confederação Nacional do Ministério Público (CONAMP), Corregedor Geral do Ministério Público de Roraima e Procurador Geral de Justiça por dois mandatos consecutivos. Mestre em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Possui também Mestrado e Doutorado em Direito Socioambiental pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). Realizou estágio pós doutoral em Direitos Humanos pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra - Portugal. Professor de Direito na Universidade Estadual de Roraima (UERR), bem como docente permanente no Mestrado Profissional em Direitos Humanos e Cidadania da mesma Instituição. Atualmente integra a Comissão de Direito e Defesa dos Povos Indígenas junto à Ordem dos Advogados do Brasil - Seccional Roraima, assim como atua como Membro Consultor para a Comissão Especial de Defesa dos Direitos dos Povos Indígenas do Conselho Federal da OAB. *Professor Doutor Doutor Honoris Causa em Ciências Jurídicas.*

- **Eliane Superti:** Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos/SP em 2004. Realizou estágio de pós-doutoramento no Núcleo de Estudos Estratégicos do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal Fluminense. Foi pesquisadora visitante do International Institute of Social Studies da Erasmus University of Rotterdam (2018 - 2019). Atualmente é professora titular do curso de graduação em Relações Internacionais e do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política e Relações Internacionais da Universidade Federal da Paraíba. Colabora com do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Estadual do Ceará -

UEC (doutorado). Avaliadora de cursos de graduação e instituições do banco BASIS/MEC. Foi Reitora da Universidade Federal do Amapá (2014_2018), membro da Comissão Capes de representantes do Fórum de Reitores da Região Norte. Foi, também, Presidente do Fórum de Reitores da Região Norte, Coordenadora do Diretório Norte da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais - Andifes, Coordenadora do Doutorado Interinstitucional em Sociologia Unifap/UFC, Pró-Reitora de Graduação (2006-2010). Suas atividades profissionais permitiram interação com colaboradores nacionais e internacionais em co-autorias de trabalhos técnicos e científicos. *Professora Doutora Honoris Causa em Ciências Sociais.*

- **Jadson Porto:** Geógrafo Graduado em Bacharelado e Licenciatura em Geografia (UFPa, 1990, 1993); Mestre em Geografia (UFSC, 1998); Doutor em Ciência Econômica (Unicamp, 2002); Pós-Doutorado em Desenvolvimento Regional (FURB, 2014); Pós-Doutorado em Geografia, pela Universidade de Coimbra (Portugal) (2015); Pós-Doutorado em Estudos Sociais, pela Universidad Nacional de la Patagonia Austral - Unidade Rio Gallegos (UNPA/UARG), Argentina (2017); Pós-doutor em Desenvolvimento (UFT, 2020); Pós-doutor em Planejamento Territorial (Idega/Universidade de Santiago de Compostela, Espanha, 2025). Coordenador do Núcleo de Estudos Regionais e Urbanos (Nesur/Unifap). Professor Titular da Universidade Federal do Amapá. Professor do Mestrado em Desenvolvimento Regional da Unifap. Integrante efetivo da Academia de Letras José de Alencar (Curitiba, PR), cadeira de n. 3, Patrono Alberto Oliveira (2022). Integrante efetivo da Academia Amapaense de Letras (Macapá, AP), cadeira 17, Patrono Joaquim Caetano da Silva (2022). Tem se destacado em pesquisas sobre a Amazônia stentrional brasileira e a Região das Guianas. *Professor Doutor Doutor Honoris Causa multiplex.*

- **José Ayrton Labegalini:** Engenheiro graduado em Engenharia Elétrica (EFEI, 1975) e em Engenharia Civil (FECI, 1978); pós-graduado em Engenharia Ambiental (USP, 1996). Professor aposentado pelas Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI). Ex-presidente da Sociedade Brasileira de Espeleologia em dois mandatos (SBE, 1991-1993 e 1995-1997), ex-secretário Geral da Federação Espeleológica da América Latina e do Caribe (FEALC, 1997-2001), ex-presidente da União Internacional de Espeleologia (UIS, 2001-2005). Atualmente é membro efetivo do Espelo-Grupo de Monte Sião (EGMS), membro efetivo do Conselho de ex-Presidentes da Sociedade Brasileira de Espeleologia, Conselheiro Consultivo e Membro Honorário do Diretório da União Internacional de Espeleologia. Membro Nato do Conselho Curador da Fundação Cultural Pascoal Andreta (FCPA, 1982) e presidente da entidade desde 2004. *Professor Doutor Honoris Causa em Ciências da Natureza.*

- **Marcos Vinícius Macedo Varella:** Primeiro *Doutor Honoris Causa em Teologia* pela Febacla, em 2015. Geógrafo; Historiador; Teólogo; Antropólogo e; Sociólogo. Especialista em História do Brasil; em História Antiga; Educação do Negro na Sociedade Brasileira e; em Gestão Cultural. Mestre em Teologia Sistemática, Doutor em História das Artes. Pertence a várias instituições culturais, como: o Cenáculo Fluminense de História e Letras; Academia Niteroiense de Letras; Núcleo de pesquisadores fluminense; Instituto Histórico e Geográfico de Niterói; Academia de Letras do Estado do Rio de Janeiro; Academia Gonçalves de Letras Artes e Ciência; Academia Gonçalves de Belas Artes; Febacla; da Academia Niteroiense de Belas Artes; da Organização Mundial dos Defensores dos Direitos Humanos e; da Irmandade Imperial de São Vicente de Paulo, sendo o Presidente do Conselho Deliberativo, irmandade essa criada pelo próprio Imperador D. Pedro II. *Professor Doutor Doutor Honoris Causa Multiplex.*

- **María Alejandra Rodríguez García:** Educadora e líder acadêmica internacional, tem mais de vinte anos de experiência em ensino, gestão educacional e liderança institucional. Seu trabalho abrange os setores educacional, social e empresarial, adotando uma perspectiva humanista e holística focada na transformação social. Atualmente, é Reitora da Northern International University, na Espanha, onde promove projetos de ensino superior, inovação acadêmica e cooperação internacional centrados em liderança consciente, equidade e desenvolvimento humano. É também co-CEO da Aurum Publishing e da Global Coach & NLP Radio, plataformas dedicadas à disseminação de conhecimento, pensamento crítico e liderança com propósito. É embaixadora da *Mujer Impulso Global* (Empoderamento Global das Mulheres) e da Comissão Internacional de Especialistas em Bem-Estar no Trabalho, além de membro de organizações internacionais. É também autora e palestrante internacional, reconhecida por sua liderança e impacto social global. Doutora em Administração Educacional. *Professora Doutora Doutora Honoris Causa multiplex.*

- **Rauliette Diana Lima e Silva** - Professora Adjunta da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), atuando na área de Filosofia, com ênfase em Ética e Filosofia Política. Desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão voltadas à ética, política, educação e formação docente, com especial atenção à Filosofia na Amazônia e aos contextos socioculturais ribeirinhos e indígenas. Possui ampla experiência em gestão acadêmica, tendo exercido funções como Diretora de Extensão, Diretora de Campus, Coordenadora de Cursos de Graduação e de Pós-Graduação, além de ter coordenado a implantação do Curso de Licenciatura em Filosofia da UNIFAP. Atua na elaboração e reformulação de Projetos Pedagógicos de Curso, regimentos institucionais e processos administrativos acadêmicos. É orientadora de TCC e desenvolve produção acadêmica na interface entre ética, política e culturas amazônicas. Organizou obra e documentários sobre

as manifestações históricas e culturais do Município de Afuá. Coordena projetos de extensão, como o programa de rádio Diálogos com a Filosofia e o projeto Ribeirinha Filosofia: Nesses e Desses Rios. Encontra-se em elaboração da obra *Penso, logo resisto: indígenas e ribeirinhos – caminhos da Filosofia Amazônica*.

- **Raulyan Borja Lima e Silva:** Biólogo; Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido - Desenvolvimento Socioambiental da UFPA/NAEA (2010) e Pós-Doutorado pela Universidade Federal do Amapá (2016). Mestrado em Agronomia - Biologia Vegetal Tropical (Universidade Federal Rural da Amazônia - 2002). Funcionário público federal, Professor Titular da Carreira Docente do Magistério do Ensino Básico, Técnico, Tecnológico (EBTT) - Quadro do Ex-Território Federal do Amapá e pesquisador da Divisão de Botânica do Núcleo de Biodiversidade do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá. Com experiência na área de Botânica, com ênfase em Etnoecologia, Etnobotânica, agroecossistemas amazônicos, educação ambiental e metodologia da pesquisa científica. Professor Permanente e orientador do Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade e Biotecnologia da Rede Bionorte. Este discurso foi elaborado por sua irmã Rauliete Silva. *Professor Doutor Doutor Honoris Causa em Ciências da Natureza*.

- **Rogério Olavo Cunha Leite:** Mineiro de origem e convicção, e também detentor de nacionalidade portuguesa, vinda de seus ancestrais de Travanca, na região do Porto, o autor é advogado aposentado, com sólida trajetória de 30 anos no exercício da advocacia em empresas de grande porte, como Açominas, Vale do Rio Doce, Construtora Cowan e Petrobras, instituição na qual se aposentou. Também desempenhou funções junto ao Governo do Estado de Minas Gerais, ampliando sua vivência no setor público. Para além de sua carreira jurídica, dedica-se ao estudo da História e ao exame das múltiplas facetas do comportamento humano, áreas que o inspiram em sua produção intelectual e literária. Autor de vários livros de História, dentre eles: *D. Pedro II, Templários na formação do Estado Português e A Saga da Família Real*. Enveredou pelo universo infantil e, também, para o mundo dos sentimentos humanos, trazendo as obras *Misterio Das Sombras e Muros Da Loucura*. Foi agraciado com as Comendas Bicentário de D. Pedro II e Caneta de Ouro, ambas em 2025, outorgadas pela Febacla. *Doutor Honoris Causa em História Imperial Brasileira*.

- **Sânzia Fernandez:** **Sânzia Fernandez:** Graduada em Letras, Filosofia, Pedagogia e Teologia. Mestre em Ciências da Educação e Especializações em áreas da Educação, Gestão, Supervisão e Orientação Escolar. Desempenha várias funções profissionais relacionadas às áreas de Letras, Literaturas e Língua Portuguesa, em instituições públicas e particulares de

ensino superior, técnico, médio e fundamental. Docente na área de Educação Especial. Atua em modalidades de Ensino, Pesquisa e Extensão no Estado do Amapá. Possui vasta experiência em docência, em gestão escolar. Participante ativa em projetos de ações culturais como: feiras de livros, concursos e festivais de poesia e redações E outras atividades relacionadas à literatura em libras e oficinas de produções de escrita. Recebeu várias homenagens e condecorações pelos serviços prestados à educação no Amapá e à literatura por instituições de ensino e por instituições culturais nacionais e internacionais. Membro Fundador do Clube dos Poetas. Membro Fundador da Associação de Escritores do Amapá – APES. Delegada da Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências Letras e Artes - Febacla. Coorganizadora da Coletânea comemorativa do 2º ano da Febacla no Amapá com a temática regional . Autora de várias obras publicadas em coletâneas de poesias e crônicas. Atualmente exerce suas funções na escola estadual e outras instituições particulares de ensino. *Professora Doutora Honoris Causa Multiplex.*

- **Sergio Diniz da Costa:** Escritor, poeta, revisor de livros; Editor-Chefe do Jornal Cultural ROL; Acadêmico Benemérito e Efetivo da Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências, Letras e Artes (Febacla); Cofundador do Núcleo Artístico e Literário de Luanda/Angola - Nalla); Foi membro da Comissão de Seleção do Projeto Rede de Pontos de Cultura no Município de Votorantim (SP), do Programa Cultura Viva do Ministério da Cultura; Possui 13 livros autorais e coorganizados; Atuou como jurado em dez concursos literários em níveis regional e nacional. *Doutor Honoris Causa Multiplex.*

- **Valdenira Ferreira dos Santos:** Geóloga; Mestrado em Geologia e Geoquímica; Doutora em Geologia e Geofísica Marinha (primeira do Brasil), com estágios de doutorado no Laboratoire Régional de Télédétction (LRT-2004 - Caiena - Guiana Francesa) e na Maison de Télédétction (2003-Montpellier – França). Participou do Programa de Gerenciamento Costeiro do Estado do Amapá e da Criação do atual Núcleo de Pesquisas Aquáticas no IEPA/AP. Atualmente é pesquisadora do IEPA e profes-sora/orientadora no Curso de Pós-Graduação da Amazônia Sustentável (PPGDAS) da Unifap. Colaboradora nos cursos de Pós-Graduação em Dinâmica da Terra e dos Oceanos (UFF), em Geodinâmica e Geofísica (UFRN) e Oceanografia (UFPA). Representante pelo IEPA no Programa de Geologia e Geofísica Marinha-PGGM. Participa do Grupo de Apoio à Mobilização da Região Norte da Década do Oceano. Referência mundial nos estudos sobre a foz do rio Amazonas, tendo suas pesquisas reconhecida pela Unesco. *Professora Doutora Doutora Honoris Causa em Ciencias da Natureza.*

Este livro visa apresentar os discursos das personalidades indicadas e agraciadas ao título de Doutor Honoris Causa pela Febacla e pelo CSAEFH.
Jadson Porto

Ser Doctor Honoris Causa implica convertirse en embajador del conocimiento y de los valores universales que sostienen la academia: la búsqueda de la verdad, el pensamiento crítico, la responsabilidad social y la promoción del progreso humano. Quienes conformamos esta comunidad compartimos la convicción de que el saber debe estar al servicio de la sociedad y que el liderazgo auténtico se mide por la huella positiva que dejamos en los demás.

María Alejandra Rodríguez García

A presente obra assume a função estratégica no campo da memória acadêmica e cultural brasileira. Ao reunir esses discursos, contribui-se para a preservação do patrimônio intelectual contemporâneo, fortalecendo a identidade institucional da Febacla e do CSAEFH e ampliando o acesso público a reflexões que dialogam diretamente com os desafios do século XXI.

Alexandre Rurikovich Carvalho

O Doutor Honoris Causa não é apenas um título acadêmico. É um testemunho de impacto, uma assinatura moral gravada na história coletiva (...).

A honraria ilumina a carreira de quem a recebe, mas, ao mesmo tempo, projeta luz sobre aquilo que verdadeiramente importa: o serviço prestado à sociedade.

Rogério Leite